

# PESQUISAS

---

ANTROPOLOGIA, nr. 23

Ano 1970

---

Pedro Ignacio Schmitz, Itala Irene Basile Becker,  
Pedro Augusto Mentz Ribeiro, Gastão Baumhardt,  
Ursula Baumhardt, Hardy Martin, Roberto  
Steinhaus, José Proenza Brochado

## ARQUEOLOGIA DO VALE DO RIO PARDINHO

(Comparações com material proveniente do Alto Jacuí)

1.ª Parte

Colégio Catarinense  
Sala da Comunidade Religiosa

---

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo — Praça João Pessoa, 35 — Rio Grande do Sul — BRASIL

---

# INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo — Praça João Pessoa, 35 — Rio Grande do Sul — BRASIL

## PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PÉRMUTA INTERNACIONAL

### Conselho de Redação

Pedro Ignacio Schmitz, S. J. — Diretor

Aloysio Sehnem, S. J. — Coordenador para Botânica

João Oscar Nedel, S. J. — Coordenador para Zoologia

---

**PESQUISAS** publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em todas as línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados.

A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.

Pesquisas aparece em 4 secções independentes: **Antropologia, História, Zoologia, Botânica**.  
Pedimos permuta com as revistas do ramo.

---

**PESQUISAS** veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in allen geläufigen westlichen Sprachen.

Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor.

Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verfasser.

Pesquisas erscheint bis auf weiteres in 4 unabhängigen Reihen: **Anthropologie, Geschichte, Zoologie, Botanik**.

Wir bitten um Austausch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.

---

**PESQUISAS** publishes original scientific contributions in any current western language.

The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactorial staff.

Pesquisas is divided into four independent series: **Anthropology, History, Zoology, Botany**.

We ask for exchange with publications of similar character.

## ARQUEOLOGIA DO VALE DO RIO PARDINHO

(*Comparações com material proveniente do Alto Jacuí*)

Pedro Ignacio Schmitz\*,  
Itala Irene Basile Becker\*, Pedro Augusto Mentz  
Ribeiro\*, Gastão Baumhardt, Ursula Baumhardt,  
Hardy Martin, Roberto Steinhaus, José Proenza  
Brochado\*.

### INTRODUÇÃO

A publicação, intitulada "Arqueologia do Vale do Rio Pardino", (Comparações com material proveniente do Alto Jacuí) é de autoria dos seguintes pesquisadores: Pedro Ignacio Schmitz, Itala Irene Basile Becker, Pedro Augusto Mentz Ribeiro, pertencentes ao Instituto Anchietano de Pesquisas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Dr. Gastão Baumhardt, Ursula Baumhardt, Hardy Martin, Roberto Steinhaus, pertencentes ao Museu do Colégio Mauá, de Santa Cruz do Sul; José Proenza Brochado, pertencente à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pretende a publicação apresentar os ricos materiais arqueológicos provenientes de área restrita no alto vale do Rio Jacuí, no centro do Rio Grande do Sul.

---

Trabalho realizado com auxílio do Conselho Nacional de Pesquisas.

\* Bolsistas do Conselho Nacional de Pesquisas.

Os materiais estão guardados nas seguintes coleções: no Museu do Colégio Mauá, de Santa Cruz do Sul; na Escola Normal Martin Luther, de Estrêla; no Museu do Patronato Antonio Alves Ramos, de Santa Maria.

Embora não se trate de material estratigráficamente escavado, mas de coleta, geralmente sistemática, apresenta relativo valor visto ter sido impossível encontrar sítios intatos na área. O material por si apresenta diversos problemas arqueológicos que só escavações estratigráficas rigorosas poderão resolver.

O trabalho, que levou à presente publicação, foi financiado pelo Conselho Nacional de Pesquisas, cabendo pequena parcela ao convênio firmado entre o mesmo Conselho Nacional de Pesquisas e o Smithsonian Institution de Washington, através do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. A coordenação e orientação do trabalho esteve a cargo de Pedro Ignacio Schmitz.

Dos autores Pedro Ignacio Schmitz, I tala Irene Basile Becker, Pedro Augusto Mentz Ribeiro e José Proença Brochado são bolsistas do Conselho Nacional de Pesquisas.

Na primeira parte dêste estudo estamos divulgando os resultados da análise da cerâmica. Na segunda parte, que é a mais extensa, aparecerá a análise do material lítico e o estudo da problemática geral da área.

Registramos aqui nossos agradecimentos ao Conselho Nacional de Pesquisas e ao Smithsonian Institution, que financiaram a pesquisa; aos Diretores e Funcionários do Colégio Mauá, da Escola Normal Martin Luther, do Patronato Antonio Alves Ramos, que nos permitiram o estudo e nos deram tôdas as facilidades para que o trabalho fôsse realizado da maneira mais fácil e rápida.

Dedicamos êste primeiro caderno ao nosso companheiro de pesquisas Dr. Gastão Baumhardt, falecido antes de ver concluída a obra comum.

### O Alto Vale do Rio Jacui: a área e os sítios

A área em estudo situa-se na encosta do planalto basáltico sul-brasileiro, aproximadamente no centro do Estado do Rio Grande do Sul, abrangendo o Alto Rio Jacui e seus afluentes; a longitude vai de aproximadamente  $52^{\circ}$  a  $53^{\circ} 30'$  Oeste de Greenwich e a latitude de ...  $29^{\circ} 30'$  e  $30^{\circ}$  Sul.

Pequenas partes da área são constituídas pela planície sedimentar, coberta de gramineas, mas a maior parte é formada por morros e encostas, antigamente cobertos de mata latifoliada tropical, hoje intensamente devastada pelos agricultores, que ali se estabeleceram há mais de 100 anos.

A altitude varia desde os 25 m sobre o nível do Oceano elevando-se até atingir o planalto a mais de 650 m. A região está colocada como uma área florestada, cobrindo a encosta do planalto, que faz limite pelo Sul com os campos planos e baixos que vêm desde a República Oriental do Uruguay e pelo Norte com os campos semeados de bosques de *Araucária brasiliensis* do Planalto Sul-Brasileiro.

Os rios, que se encontram dentro da área, descem do planalto, no qual cavaram vales mais ou menos largos: o Jacui, na proximidade do qual situam-se, à margem direita, Vale Vêneto e à margem esquerda Linha Boêmia; o Rio Pardo, com seu afluente, o Rio Pardinho, que rega a área de maior abundância de material arqueológico. Ao longo dos arroios e rios existem terrenos aproximadamente planos, tanto mais extensos, quanto mais descemos o seu curso. O terreno se eleva primeiro em colinas, depois em

morros, às vezes em paredões íngremes cobertos por patamares.

O solo é formado, nos pontos mais altos, pela decomposição de rochas efusivas basálticas e, nas baixadas, de arenito Botucatu, ou de solos aluviais de água doce. Entre o basalto e o arenito encontram-se camadas ou diques de arenito recosido ou silicificado, que era usado pelas populações indígenas para o fabrico de seus implementos lascados.

O clima é subtropical ou mesotérmico sempre úmido, de verões quentes (Cfa de Köppen); as chuvas igualmente distribuídas, predominando as de outono-inverno, em virtude da frequência e intensidade com que se verificam as incursões das massas polares nessas épocas (Magnanini, 1959, 74 ss). A precipitação anual é de aproximadamente 1540 mm, ocorrendo geadas nos meses de julho a agosto.

A vegetação, de tipo floresta latifoliada tropical, apresenta-se como de matas ciliares ao longo dos cursos de água e mata cerrada na encosta mais íngreme do planalto. Tanto em direção ao Norte, como em direção ao Sul, os campos estão mais ou menos próximos; em direção Nordeste encontra-se o limite da floresta de Araucária (Romariz, 1959, 76 s).

A população indígena, no tempo da Conquista, é conhecida como Tape (Pôrto, 1943, 38 ss), um grupo muito discutido. Segundo os cronistas e historiadores, a parte central do Rio Grande do Sul, entre os paralelos 28 e 31 de latitude Sul e os meridianos 8 e 10 de longitude do Rio de Janeiro, era conhecida como província do Tape, ou área habitada pelos Tape. Apenas discorda Chiara (1956, 13), que coloca os Tape na Serra do mesmo, mais ao sul e dá para a área em estudo os Tupi-Guarani. O problema maior reside em saber a que ramo ou família pertenciam os Tape. Serrano (1936, 157), Ferreira

Filho (1958, 11), Dreys (1961, 155), Souza Docca (1954, 71), Chiara (1956, 13) afirmam simplesmente que os Tape são do tronco Tupy-Guarani.

Teschauer (1929, 193 e 207) nos diz que "o tronco sem comparação mais numeroso dos primitivos habitantes do Rio Grande do Sul constituíam os Guaranis. Os nomes de Tapes e outros não eram senão denominações diversas da mesma raça ... É opinião quase geral dos historiadores modernos que os índios Tapes eram da estirpe dos Guaranis."

Lopes Neto (1955, 45 s) nos diz que os Tape "tinham costumes comuns aos guaranis... e construíram, para o diante, amalgamados aos guaranis, o povo sociável das Missões Orientais."

As opiniões discordantes parecem apoiar-se também nos documentos dos antigos jesuítas missionários e cronistas da época. Assim Gabriel Soares de Souza afirma serem os Tape "Tapuias guaranizados", (Teschauer, 1929, ... 207). Techo os distingue destes, dizendo que pouco diferem destes quanto aos costumes e língua e acrescenta que não adotaram todos os costumes dos Guaranis, (Teschauer, ibidem). Também Pôrto (1954, 49) os dá como Jê guaranizados.

Os dados arqueológicos da região, principalmente os do Rio Pardinho realmente nos mostram um contato entre duas culturas indígenas bem distintas, sem entretanto sabermos se se trata do problema abordado pelos antigos cronistas. Na conclusão do trabalho, na segunda parte, voltaremos ao problema.

No estudo da população indígena também não podemos esquecer a existência de diversas Reduções ou Missões, fundadas a partir de 1632 e destruídas poucos anos depois pelos bandeirantes de São Paulo, ou abandonadas antes de seu avanço. Já anteriormente ao estabelecimen-

to das reduções os paulistas estavam na área, negociando com os índios e conseguindo escravos.

As Reduções, iniciadas no Paraguay pelos Jesuítas, expandem-se pela Mesopotâmia Argentina e se estendem no Rio Grande do Sul até atingirem a área em estudo; sempre em território pertencente a Espanha pelo Tratado de Tordesilhas. Seguindo ao longo do Rio Ibicui atingiram as proximidades da atual cidade de Rio Pardo, sobre o Rio Jacui, na então chamada província do Tape. Das três reduções fundadas nas margens do Rio Pardo (Jesus Maria, São Cristóvão e São Joaquim) duas situam-se na área donde provém o material da maior coleção e uma está bem nas proximidades. Uma outra (Sant'Ana) está situada no Vale do Alto Jacui, na proximidade da área das duas coleções menores.

São Cristóvão estava próxima da confluência do Rio Pardinho com o Rio Pardo, no atual município de Rio Pardo; Jesus Maria junto ao Rio Pardo não muito longe da atual cidade de Candelária. São Joaquim estava situada no planalto, já em zona de campo, perto das nascentes do Rio Pardo e próxima da localidade de Barros Cassal. Todas as três reduções estavam à margem direita do rio.

Os mencionados povos tinham número apreciável de índios, o que fala pela densidade populacional anteriormente existente na região: Sant'Ana tinha 7.700 habitantes, São Joaquim mais de 1.000 famílias; as duas outras deveriam ter população semelhante. (Pôrto 1954, 105 ss).

Hoje a região pertence à área de colonização alemã (Santa Cruz do Sul e Linha Boêmia) e italiana (Vale Vêneto), radicada nas duas primeiras há mais de cem anos, na terceira ela é um pouco mais recente. A propriedade é intensamente subdividida, a floresta quase toda destruída e a densidade populacional muito

grande. A agricultura em parte é de subsistência (milho, feijão, cana-de-açúcar, mandioca), em parte se destina ao mercado (fumo e outros produtos). Os agricultores se estabeleceram de preferência nas partes menos acidentadas do terreno (margens dos rios e patamares da montanha), mas apenas as áreas de penhascos íngremes se encontram mais ou menos intatas.

Os sítios arqueológicos são numerosos, encontrando-se geralmente no topo de pequenas elevações, próximas ao rio, ou nos patamares em maiores altitudes. Todos os materiais estudados provêm de coleta de superfície, sendo muito raros os sítios em condições de serem escavados (dois sítios Tupi-Guarani, um pequeno abrigo com material lítico, um sítio de Redução), que não puderam ser incluídos nesta pesquisa.

Os materiais em estudo foram recolhidos da seguinte forma e encontram-se nas seguintes instituições:

- a) Museu do Colégio Mauá, Santa Cruz do Sul: os materiais provêm de aproximadamente 600 expedições de pesquisa na área, correspondendo a 125 sítios. Uma grande parte do material, recolhido na área por colecionadores, encontra-se nas coleções Doern, Viúva Lau, Riedel, Steinhaus. O material foi estudado por Pedro Ignacio Schmitz, Itala Irene Basile Becker, Pedro Augusto Mentz Ribeiro, Dr. Gastão Baumhardt, Ursula Baumhardt e Hardy Martin. A pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisas.
- b) Escola Normal Rural Martin Luther, Estrêla: os materiais foram recolhidos por Augusto Fiss em sua maior parte em Linha Boêmia, no Alto Rio Jacui, sendo a coleção comprada posteriormente pela instituição em que atualmente se encontra. O material foi estudado por Pedro Ignacio Schmitz e José Proenza Brochado, com financiamento do convênio entre o Smithsonian Institution de Washington e o Conselho Nacional de Pesquisas.

- c) Museu do Patronato Antonio Alves Ramos, Santa Maria: o material foi recolhido por J. Pivetta e outros, no Vale Vêneto, no Alto Rio Jacuí. O estudo foi feito por José Proenza Brochado, com financiamento do convênio entre o Smithsonian Institution de Washington e o Conselho Nacional de Pesquisas.

Sobre material proveniente de alguns sítios do vale do Rio Pardinho existe um estudo anterior de Pedro Ignacio Schmitz e outros (1967, 24 ss).

Das informações acima vê-se que a maior parte do material estudado encontra-se em coleções, nas quais se reuniram materiais de pesquisas sistemáticas e outros de encontros fortuitos. A maior parte do material do Colégio Mauã foi recolhida em pesquisas sistemáticas e com anotações bastante completas. Estes são os elementos usados para caracterizar as fases do Vale do Rio Pardinho; os materiais das outras coleções foram usados apenas complementarmente.

Desta forma foi-nos possível distinguir no vale do Rio Pardinho duas fases bem diferentes, que a partir de materiais de escavações deverão ser subdivididas: a uma delas denominamos de Fase do Rio Pardinho, à outra Fase Trombudo (Schmitz, 1967, 24 ss).

A Fase Rio Pardinho caracteriza-se, quanto ao material, por uma indústria lítica abundante, acompanhada geralmente de pequena quantidade de cerâmica de tradição tupi-guarani (intrusiva). Os sítios encontram-se de preferência em baixas altitudes, sobre pequenas elevações próximas do rio, às vezes mais afastadas. Os sítios estudados são todos erodidos. Os implementos que aparecem geralmente em todos os sítios e em bastante quantidade são as pontas de flecha, os pequenos bifaces, as lesmas, os bifaces longos e retos, os batedores, as bolas de boleadeira, lascas retocadas, lascas simples e núcleos. Com bastante frequência apare-

cem unifaces pedunculados, raspadores, picões, pedras discoidais, lâminas polidas de machado, pequenos furadores, pequenos raspadores, implementos poliédricos, além de outros bem raros. A cerâmica, quando presente, é pouco representativa em comparação com a quantidade encontrada nos sítios da Fase Trombudo e parece não apresentar nenhuma diferença com relação à daquela fase. Uma grande quantidade de material das coleções pode ser incluído nesta fase depois do estudo dos sítios. Com exceção de materiais avulsos da coleção de Estrêla, esta fase não foi encontrada em outra área do Rio Grande do Sul. Pontas de flecha parecidas entretanto estão sendo registradas em diversas áreas do Sul do Brasil e do Uruguai.

A Fase Trombudo, dividida em três séries cerâmicas, se caracteriza, em oposição à fase Rio Pardinho, por sítios de muita cerâmica de tradição tupi-guarani, tendo como acompanhamento os seguintes implementos líticos: afiadores em canaleta, lâminas polidas de machado, lascas, raros raspadores, raras pontas entre entalhes, raras pedras covinhas, chopping-tools, polidores. Os sítios estão localizados, de preferência, nos patamares altos e em áreas distintas dos da fase Rio Pardinho.

No mapa do Vale do Rio Pardinho pode-se ver a distribuição dos sítios das duas fases.

## Iª PARTE

### A CERÂMICA TUPI-GUARANI DO VALE DO RIO PARDINHO E ADJACÊNCIAS \*

#### 1) DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS, MÉTODO DE ANÁLISE E DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Entre os anos de 1966 e 1968, uma equipe de professores do Colégio Mauã, de Santa Cruz do Sul, iniciou o levantamento arqueológico da área do rio Pardinho e proximidades. Na direção leste-oeste, a área se estende de Campo do Sobrado, município de General Câmara, até General Câmara, até Linha Sesmaria do Cêrro, Botucaraí, município de Candelária. Em termos de bacias fluviais seriam as dos rios Pardo e Pardinho e parcialmente a do Taquarí-Mirim e Castelhana. No sentido norte-sul a área se estende desde Herveiras até a confluência do Pardinho no Pardo. Em números aproximados, equivaleria a 280 km<sup>2</sup>. No relêvo e na vegetação existem diferenças marcantes: de 25 a 650 m de altitudes incluindo campo e mata.

---

\* A responsabilidade desta parte cabe ao Prof. Pedro Augusto Mentz Ribeiro, que foi auxiliado no trabalho por Ursula Baumhardt, Pedro Ignacio Schmitz e Itala Irene Basile Becker.

Através de coleta superficial sistemática ou não e doação, os professores Gastão Baumhardt, Hardy Martin, Ursula Baumhardt e Lothar Heuser recolheram 5.776 fragmentos de cerâmica em 596 pesquisas de campo. Além disso, através de doações, o Museu do Colégio Mauá possui 144 vasilhas. Muitas destas pesquisas de campo constam apenas de material lítico, especialmente o lascado típico, como pontas de projétil, bifaces retos, etc., conseguidos, na maioria das vezes, através de doações.

O estudo da cerâmica foi realizado em duas etapas: a primeira consistiu do levantamento do material existente no Museu do Colégio Mauá ou seja desenhos, estudo da confecção da cerâmica e tabelas; na segunda, foi realizada a classificação das bordas e dos vasos com os respectivos desenhos, a seriação e a presente descrição. Na primeira parte do trabalho, colaboraram os Professores Pedro Augusto Mentz Ribeiro e Ursula Baumhardt e, na segunda parte, o primeiro, então no Instituto Anchieta de Pesquisas, de São Leopoldo. O trabalho foi iniciado em dezembro de 1968 e desenvolveu-se através do ano de 1969.

Os termos usados estão baseados na "Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica", 1966 e em "Ceramics for the Archaeologist", Shepard, 1961. Além disso, empregamos métodos que julgamos convenientes para este estudo. As peças inteiras e reproduzidas não esgotam as formas, como se pode observar pelas bordas desenhadas, mas deixamos de fazer todas as reconstituições devido às pequenas dimensões dos fragmentos. Nos vasos dos vários tipos pintados onde não foram reproduzidos os desenhos e porque estão apagados, aparecendo somente o engôbe branco ou frisos vermelhos ou porque os ténues sinais da pintura vermelha não permitiam uma reprodução segura. Para a pintura preta usou-se o pontilhado e linhas cheias para o vermelho. Como se pode observar, pelas escalas colocadas em cada prancha, as bordas foram dese-

nhadas em tamanho natural e os vasos, na sua grande maioria, reduzidos na metade do tamanho. porém, alguns onde consta "T. N.", em tamanho natural. Deixamos de reproduzir 6 vasos por estarem faltando as bordas, impossibilitando sua classificação e porque suas formas parecem coincidir com outras reproduzidas; são 4 vasos Corrugados-Ungulados e 2 Pintados tipo "A". Os primeiros assim se distribuem: 1 grande de 40 cm de abertura por 40 cm de altura e 3 pequenos respectivamente de 12 x 12 cm (em seu interior foram encontrados dentes humanos), 14 x 15 cm e 12 x 9 cm de abertura e altura como dimensões prováveis. Também foram deixados fora dos desenhos, 2 vasos Corrugados-Ungulados por coincidência de formas. Na coleção do Instituto Anchietano de Pesquisas existem 3 pequenos vasos que, por serem da área em estudo, foram incluídos neste trabalho.

## 2) DESCRIÇÃO DA CERÂMICA

A cerâmica do vale do rio Pardinho já havia sido estudada anteriormente (Schmitz e outros, 1967, pp. 44-51). Foi uma nota prévia sobre 597 de cerâmica e 2.653 peças líticas e, na análise então feita, criaram-se duas fases. A primeira, fase Trombudo, se caracterizava por sítios com muita cerâmica e sem material lítico lascado e pela fácil distinção entre pasta arenosa e argilosa; a outra fase, Rio Pardinho, por líticos lascados com pequena associação de cerâmica de tradição tupi-guarani e onde a cerâmica não permitia uma distinção fácil entre material arenoso e argiloso. Baseados nisto, fizemos uma primeira distinção entre as pastas: Trombudo, desprovida de grânulos de calcedônio e cristais de quartzo e com mais óxido de ferro e a Rio Pardinho com grânulos de calcedônio e cristais de quartzo. Como não encontramos diferença entre a cerâmica que acompanha uma e outra fase, fizemos uma divisão mais detalhada:

primeiro dividimos a pasta em arenosa e argilosa e, dentro de cada uma destas divisões, separamos a que contém óxido de ferro (hematita), ou calcedônio (quartzo), ou os dois antiplásticos e finalmente a que não contém nenhum deles. Também esta divisão não nos permitiu encontrar diferenças entre a cerâmica tupi-guarani da fase Trombudo e a da fase Rio Pardinho. Mesmo na seriação, descrita no item "c"; constatamos que a cerâmica das duas fases anteriores se distribui pelas séries cerâmicas agora estabelecidas. O mesmo acontece com relação às formas.

Na área do campo notou-se o uso acentuado de ocre dando uma coloração amarelada à cerâmica.

Quanto ao aspecto da relação entre material lítico lascado e a cerâmica, correspondeu plenamente aos estudos anteriores, isto é, os sítios com abundante cerâmica são total ou quase desprovidos de lítico lascado. Observou-se, também, uma proporcionalidade quase perfeita: na medida que a cerâmica diminui, começam a aparecer os elementos típicos da fase Rio Pardinho (bifaces retos, pontas de projétil, etc.).

A descrição das bordas e bases fizemo-la apenas dos tipos mais frequentes e não por unidade como para os vasos. Logo após as "comparações" segue a tabela e as pranchas.

#### a) Tipo SIMPLES

1.119 fragmentos - 19,6 % do total

##### 1. Pasta:

Método de manufatura: acordelado; os negativos e positivos dos roletes são bem distintos.

Antiplástico: predomina, na argila, areia fina e média juntamente com grânulos de óxido de ferro (até 10mm) bem como de calcedônio e quartzo (até 5 mm); ocorrem casos de pontinhos brancos misturados na areia que julgamos ser quartzo leitoso ou calcedônio. São arenosos, portanto, em sua grande maioria.

Textura: elementos irregularmente distribuídos na pasta; a fratura é irregular; bolhas de ar são abundantes além de fendas no sentido dos roletes.

Queima: mediana com a maior parte oxidada em ambas as faces ou principalmente na face externa; em espessura a queima varia de 2 a 10 mm.

Côr do núcleo: pardo-claro e escuro, cinza-claro e escuro, preto e marron entre paredes avermelhadas e pardacentas.

## 2. Superfície:

Côr: predomina o avermelhado (côr de tijolo), ocorrendo, também, outras tonalidades de pardo-amarelado e marrom, em ambas as faces.

Tratamento da superfície: alisamento do tipo mediano sendo que a face externa está, em geral, mais bem alisada pois na interna são notadas as estrias do alisamento. Dois fragmentos são roletados.

Dureza: 3,5 (Escala de Mohs).

## 3. Formas:

Bordas: 71. As verticais são em geral diretas, os lábios arredondados e as aberturas variam entre 10 e 42 cm, predominando entre 20 e 28 cm (Pr. I, a - h); a borda mais frequente é a do tipo h. Na coleção existem 3 pe-

ças inteiras de bordas verticais: são miniaturas moldadas de contornos simples e forma semi-elíptica de eixo vertical (Pr. I, nº 1 - 3).

As bordas extrovertidas são como as verticais e as aberturas variam entre 10 e 40 cm, predominando de 20 a 28 cm (Pr. I, i - x); as bordas mais frequentes são as do tipo i, o, pela ordem. As peças inteiras são duas miniaturas que supomos serem acordeladas, de contornos simples e a forma de uma é ovalóide (Pr. I, nº 7) e a da outra é elipsóide horizontal (Pr. I, nº 8). A primeira possui um orifício de suspensão próximo à borda podendo ter sido usado como pendente. Reproduzimos 3 vasos a partir de bordas: o primeiro é um pequeno vaso de contorno simples e forma semi-esférica (Pr. I, nº 6); os outros dois são de tamanho médio, contorno composto e forma cônica na parte inferior e hiperbólica na superior (Pr. I, nº 4), contorno inflectido e forma elipsóide de eixo horizontal (Pr. I, nº 5).

As introvertidas são como as verticais e as aberturas estão entre 10 e 36 cm predominando entre 26 e 34 cm (Pr. I, z - cc); com maior frequência aparecem os tipos z, aa, pela ordem. As 6 peças inteiras dividem-se em 4 miniaturas e 2 pequenos vasos. As miniaturas são acordeladas (Pr. I, nº 12, 13), moldada até o ombro e depois acordelada (Pr. I, nº 9) e moldada (Pr. I, nº 14); as acordeladas têm o contorno simples, sendo a forma da primeira esférica e a da segunda ovalóide; a moldada até o ombro tem o contorno composto com uma base saliente ("mamilar") e a forma da parte inferior semi-elíptica de eixo horizontal, a da superior é cônica, tem o ombro ressaltado com um friso aplicado; a moldada podemos incluí-la entre as de contorno simples pois a pequena variação que apresenta supomos ser por defeito ou mau acabamento em sua confecção e não intencional - sua forma é esférica. As peças pequenas são acordeladas, uma de contorno composto (Pr. I, nº 10)

e a outra complexa Pr. I, nº 11); a primeira tem a parte inferior semi-elíptica de eixo horizontal e a superior cônica e a base saliente ("mamilar"), além disso, possui "mamilas" em cada um dos 4 ângulos que são salientes na face externa e apresentam concavidade correspondente na face interna e, apesar da abertura circular de sua boca, a peça tem uma forma quadrangular tomando-se em conta o ombro; a segunda tem a forma elipsóide de eixo horizontal em ambas as secções. Reproduzimos um vaso a partir de bordas: tem um tamanho médio, é acordelado, contorno composto e a forma elipsóide de eixo horizontal (Pr. I, nº 15).

As bases são em geral arredondadas (Pr. I, ff - hh) ou planas (Pr. I, dd, ee); são em geral reforçadas, isto ocorrendo também para as peças inteiras.

A espessura das paredes varia entre 4 e 20 mm, predominando entre 8 e 12 mm.

## b) Tipo CORRUGADO

1.490 fragmentos - 25,8 % do total

### 1. Pasta:

Como no Simples.

### 2. Superfície

Côr: como no Simples.

Tratamento da superfície: a face interna é alisada medianamente podendo-se ver as estrias do alisamento; na face externa, corru-

gações produzidas por pressões mais ou menos regulares, espaçadas, executadas com as pontas dos dedos em sentido perpendicular ou transversal ao vaso; alguns raros fragmentos apresentam corrugações como escamæ de peixe (corresponderia ao Corrugado Complicado e ao Imbricado, respectivamente, conforme a Terminologia Arqueológica Brasileira Para a Cerâmica); temos a impressão de que algumas corrugações foram produzidas por uma espátula; as profundidades e tamanhos das corrugações são variadas dependendo da maior ou menor erosão que sofreram; também observamos corrugações em faixas paralelas que se sobrepõem formando como que "telhados" e, especialmente nos ombros de algumas peças inteiras, registramos alguns destes casos.

Dureza: como no Simples.

### 3. Formas:

Bordas: 230. As verticais são em geral diretas com lãbios arredondados e variam de abertura entre 14 e 50 cm, predominando entre 26 e 38 cm (pr. II, a - o); as mais frequentes são os tipos b, a, j, pela ordem. Na coleção existem 3 vasos de paredes verticais: uma miniatura (Pr. II, nº 3), um médio (Pr. II, nº 2) e um grande (Pr. II, nº 1), todos acordelados (o primeiro é moldado em sua parte inferior, até a metade do corpo, aproximadamente); a miniatura é de contorno composto, sendo a parte inferior cilíndrica e a superior levemente cônica - a parte inferior não possui decoração; as outras duas são de contornos complexos: a menor tem a parte inferior ovalóide e as superiores cônica e após cilíndrica e a maior é cônica na sua seção inferior seguindo-se uma também cônica e, após, cilíndrica. Esta última possui uma tampa fragmentada de aproximadamente 68 cm de boca, 15 cm de espessura, lãbio apontado, Corrugada-Ungulada, contorno composto com a parte inferior (a que vai apoiada no ombro da urna) cônica e a superior parece ser ovalóide.

As extrovertidas são diretas com lábios arredondados e as aberturas variam entre 18 e 60 cm, predominando entre 26 e 40 cm (pr. IV, a - gg); as predominantes são as bordas b, d, h, c, f, l, t, pela ordem. Os vasos extrovertidos são em número de 18: 2 miniaturas, 10 pequenos e médios e 6 grandes. A primeira miniatura apresenta contôrnio inflectido e a forma é elipsóide de eixo vertical e a segunda é de contôrnio simples e a forma é semi-ovalóide, a parte inferior é moldada e a decoração da secção superior é a sucessão de "telhado" (Pr. IV, nº 8, 9). Os pequenos e médios são acordelados; 7 são complexos (Pr. III, nº 7, 8, 9; Pr. IV, nº 1, 5 - 7) e 3 inflectidos (Pr. IV, nº 2 - 4); as formas de três são ovalóides (Pr. IV, nº 5 - 7); 3 de secção tri-cônica (Pr. III, nº 7 - 9); 1 cônico na parte inferior e elipsóide de eixo horizontal na superior (Pr. IV, nº 1); 1 inflectido tem a forma ovalóide (Pr. IV, nº 4); o outro, forma semi-elipsóide de eixo horizontal na porção inferior e cônica na superior (Pr. IV, nº 2) e o último é elipsóide de eixo horizontal (Pr. IV, nº 3). Os grandes são acordelados, 2 complexos (Pr. III, nº 4, 5), 3 compostos (Pr. III, nº 2, 3, 6) e 1 inflectido (Pr. II, nº 1); as partes inferiores dos complexos são ovalóides e as superiores cônicas e ainda um esboço de cilíndricas; dois compostos são bi-cônicos (nº 2, 3) e um é ovalóide na parte inferior e cônico na superior (nº 6); o inflectido é ovalóide.

As bordas introvertidas também são diretas de lábios arredondados e as aberturas variam entre 14 e mais de 40 cm, predominando entre 24 e 40 cm (Pr. II, p - bb); as bordas q, p, s, são as que ocorrem com maior frequência, pela ordem. São 3 os vasos inteiros todos de tamanho médio e acordelados; 2 são de contornos compostos e forma ovalóide na parte inferior e cônica na superior (Pr. II, nº 4, 6) e um de contôrnio complexo e forma ovalóide na secção infe

rior e cônica na superior (Pr. II, nº 7) - esta última secção apresenta uma sucessão de "te<sub>l</sub>hados".

As bases são arredondadas e geralmente reforçadas (Pr. IV, hh - jj); a mais frequente é o tipo hh; algumas apresentam uma protuberância ("mamila") bem na parte central da base.

A espessura das paredes varia entre 4 e 23 mm, predominando entre 8 e 12 mm.

#### 4. Técnicas associadas:

A decoração Corrugada aparece associada com outros tipos de decoração e estes vasos são denominados de "Mistos". O Corrugado sempre ocorre nas partes inferiores dos vasos e, como colocamos os tipos "Mistos" conforme a decoração da parte superior, encontraremos a descrição detalhada nos tipos que se seguem ou seja, no Corrugado-Ungulado 6 casos e o Ungulado 1 caso. Em duas bordas do Pintado "B" (Pr. XI, h, i), temos o Corrugado na face externa e branco com vermelho na interna - a borda i possui ainda uma variação pois, junto ao lábio, há uma faixa de 18 mm de largura sem decoração seguindo-se, após, o Corrugado. No Pintado "E" encontramos uma borda com o Corrugado externa e engôbe vermelho internamente (Pr. XI, cc).

#### c) Tipo CORRUGADO-UNGULADO

1808 fragmentos - 31,3 % do total

#### 1. Pasta:

Como no Simples.

## 2. Superfície:

Côr: como no Simples.

Tratamento da superfície: corrugações produzidas por pressões mais ou menos regulares, espaçadas, executadas com as pontas do de dos em sentido perpendicular ou transversal ao vaso e, sôbre as mesmas foram feitas unguilações em geral irregulares; como no Corrugado, existem casos de "telhados" não sômente nos fragmentos como também nas peças inteiras; 1 caso com sulco-alisador. Face interna: como no Corrugado.

Dureza: como o Simples.

## 3. Formas:

Bordas: 257. As verticais são em geral diretas, lâbios arredondados e as aberturas variam entre 14 e 52 cm, predominando entre 24 e 38 cm (Pr. IV, 11 - ss); as bordas de maior freqüência são nn, mm, ll, pela ordem; em 2 casos, em um mesmo tipo de borda, verificaram-se unguilações irregulares sôbre o lâbio e perpendiculares à borda. A coleção possui 5 vasos, sendo 4 pequenos e 1 grande, todos acordelados; os pequenos são de contornos simples e as formas são ovalóides (Pr. IV, nº 11, 12), e lipsóide de eixo vertical (Pr. IV, nº 13) e semi-esférica (Pr. IV, nº 14); o vaso grande é inflectido e a forma é ovalóide ou cônica na secção inferior e cônica na secção superior (Pr. IV, nº 10); os dois primeiros (ovalóides) têm a base com uma protuberância ("mamila").

As extravertidas são diretas, arredondadas e as aberturas variam entre 10 e 46 cm, predominando entre 24 e 36 cm (Pr. VI, a - hh);

as que ocorrem com maior freqüência são as b, f, bb, a, c, x, cc, pela ordem. São 34 vasos inteiros; dêstes, 2 deixaram de ser desenhados porque apresentam os mesmos tamanhos e formas dos números 1 e 2 da prancha V; com exceção de uma miniatura (Pr. VI, nº 11), os restantes são acordelados; esta peça é de contôrno simples e a forma é elipsóide de eixo horizontal; a outra miniatura (Pr. V, nº 10) é de contôrno composto e a forma é ovalóide na parte inferior e hiperbólica na superior. Dez são pequenos vasos, uns com contornos inflectidos (Pr. V, nº 6, 14, 15, 21, 22 e Pr. VI, nº 5, 6, 8) e compostos (Pr. V, nº 5, 9); as formas são: cônica na parte inferior e cilíndrica na superior (Pr. V, nº 5), aproximadamente hiperbólica (Pr. V, nº 6) - base "mamilar" - bi-cônica (Pr. V, nº 9), elipsóide de eixo horizontal (Pr. V, nº 14, 15 e Pr. VI, nº 5, 6), ovalóide (Pr. V, nº 21, 22) e esferóide (Pr. VI, nº 8). Os médios alcançam 19 e os contornos são inflectidos (Pr. V, nº 1, 4, 13, 16, 17 e Pr. VI, nº 1, 4), compostos (Pr. V, nº 7, 9, 11, 18-20 e Pr. VI, 2, 10) e complexos (Pr. V, nº 3, 8, 12 e Pr. VI, nº 7); as formas são variáveis: ovalóide na secção inferior e cônica na superior (Pr. V, nº 11), elipsóide-cônica (Pr. V, nº 3 e Pr. VI nº 7), cônica-hiperbólica (Pr. V, nº 7), bi-cônica (Pr. V, nº 9'), ovalóide-bi-cônica (Pr. V, nº 8) ovalóide-cilíndrica (Pr. V, nº 12), esferóide-hiperbólica (Pr. V, nº 18), elipsóide (Pr. V, nº 4, 13, 17 e Pr. VI, nº 4), ovalóide (Pr. V, nº 1, 16, 19), esferóide (Pr. V, nº 20 e Pr. VI, nº 1, 2) e hiperbólica (Pr. VI, nº 10). Os números 4, 6, 16, 17, da prancha V, possuem a base "mamilar". O único vaso grande é de contôrno complexo e de forma ovalóide na parte inferior e cônica na superior (Pr. V, nº 2). As duas reproduções são acordeladas (Pr. VI, nº 3, 9), sendo a primeira de contôrno composto e a forma supomos ovalóide ou esferóide na parte inferior e cônica na superior e, a segunda, é de contôrno complexo e a forma elipsóide de eixo horizontal.

As bordas introvertidas são diretas, lábios arredondados e as aberturas variam entre 12 e 42 cm predominando entre 24 e 40 cm (Pr. VII, a - u); as mais freqüentes são as d, e, i, b, c, m, pela ordem; ocorrem casos com "telhados". Vasos inteiros: 7; dêstes, 3 são pequenos e 4 médios, todos acordelados. Dos pequenos, um é composto de forma bi-cônica (Pr. VI, nº 12) e os outros dois são complexos de forma elipsóide o primeiro (Pr. VI, nº 17) e hiperbólica, o segundo (Pr. VII, nº 3). Os médios apresentam contornos compostos (Pr. VI, nº 16) e complexos (Pr. VI, nº 14. 15 e Pr. VII, nº .. 2); o primeiro é ovalóide; os complexos são: bi-cônico, o primeiro, ovalóide o segundo e esférico na parte inferior e elipsóide na superior, o terceiro. Os vasos reproduzidos a partir de bordas são dois, ambos acordelados e de tamanho médio; o primeiro tem o contorno composto e forma cônica ou ovalóide na secção inferior e cônica na superior (Pr. VI, nº 13) e, o segundo, contorno complexo e forma elipsóide de eixo vertical (Pr. VII, nº 1). Os dois traços horizontais, um próximo ao lábio e outro à base, são dois frisos salientes (ombros), que este vaso possui (Pr. VII, nº 3).

Foram estudadas 13 bases, sendo todas arredondadas e uma apresenta uma "mamila" bem na parte central; em geral são reforçadas também nas peças inteiras (Pr. VII, v - z); a mais freqüente é o tipo V.

A espessura das paredes varia entre 4 e 18 mm, predominando entre 8 e 12 mm.

#### 4. Técnicas associadas:

O Corrugado-Ungulado está associado a outros tipos de decoração. Nos vasos inteiros, 6 são decorados até aproximadamente a metade, com Corrugado-Ungulado seguindo-se o Cor

rugado (Pr. IV, nº 13; Pr.Vnº 3, 12, 13, 17 e Pr. VI, nº 7); 1 é Corrugado-Ungulado seguido, após o ombro, do Escovado vertical (Pr. V, nº 9') e 1 apresenta três tipos de decoração plástica: pequena faixa de 15 mm, junto ao lábio, Corrugado-Ungulado, após o Escovado vertical e oblíquo e, a 88 mm da base, o Corrugado (Pr. VI, nº 15). Encontramos, também, no Pintado "E", 4 bordas Corrugadas-Unguladas externamente e, internamente engobadas de vermelho. (Pr. XI, z, aa, bb) e, a partir de uma outra, reproduzimos um vaso (Pr. XI, nº 6).

d) Tipo UNGULADO

289 fragmentos - 5 % do total

1) Pasta:

Como no Simples.

2. Superfície:

Côr: como no Simples.

Tratamento da superfície: unguações sobre um alisamento em geral irregular; estas unguações, produzidas pelo bordo da unha, são geralmente verticais, paralelas à borda e irregularmente distribuídas. Face interna: como no Corrugado.

Dureza: como no Simples.

3. Formas:

Bordas: 41. As verticais são geralmente diretas, lábios arredondados e a única a

bertura conseguida é de 18 cm (Pr. VII, aa - ee); as bordas mais freqüentes são aa, cc, ee, pela ordem. Vasos inteiros de bordas verticais: 2; ambos são de tamanho mediano e acordelados; o primeiro possui contôrno composto e a forma ovalóide (Pr. VII, nº 4) e o segundo é complexo e a forma é elipsóide de eixo horizontal para a parte inferior e cilíndrica para a superior (Pr. VII, nº 5).

As extrovertidas são diretas, arredondadas e variam de abertura entre 12 e 40 cm, predominando entre 20 e 30 cm (Pr. VII, ff - ss); as mais freqüentes, pela ordem são gg, ll, ff, jj; o lábio de uma das bordas gg foi aplano e sobre o mesmo se produziram unguiações perpendiculares à borda e paralelas entre si. A coleção possui 10 peças inteiras deste tipo: 1 miniatura, 3 pequenas, 4 médias e 2 grandes. A miniatura é moldada, de contôrno inflectido e forma esferóide (Pr. VII, nº 15); as pequenas são acordeladas, contornos complexos em duas (Pr. VII, nº 10, 11) e composto em uma (Pr. VII, nº 14); a primeira tem a forma elipsóide de eixo horizontal na secção inferior e cônica na superior; a segunda é cônica na parte inferior e cilíndrica na superior; a terceira é elipsóide de eixo vertical. As médias são acordeladas e possuem contôrno complexo (Pr. VII, nº 7, 9, 12) e inflectido (Pr. VII, nº 13); a primeira é ovalóide na parte inferior e cônica na superior; a segunda é bi-cônica; a terceira é ovalóide e a quarta é elipsóide de eixo horizontal. Os 2 grandes vasos são acordelados, de contornos complexos e bi-cônicos (Pr. VII, nº 6, 8).

As introvertidas são diretas, arredondadas e as aberturas que foi possível medir foram apenas 3: 18, 36 e 28 cm, sendo esta última reproduzida (Pr. VIII, a - e); a de maior freqüência é a do tipo a (18 cm de boca) - em uma delas ocorrem unguiações sobre o lábio, paralelas entre si e perpendiculares à borda. Va

sos inteiros: 5; todos acordelados; 1 miniatura, 3 pequenos e 1 médio. A miniatura é de contôrno composto e forma esferóide na secção inferior e cônica na superior (Pr. VIII, nº 5); os pequenos possuem contôrno simples (Pr. VIII, nº 3, 4) e complexo (Pr. VIII, nº 1); o primeiro é elipsóide de eixo vertical, o segundo é ovalóide de borda introvertida e o terceiro é ovalóide; o vaso médio é de contôrno complexo e forma ovalóide (Pr. VIII, nº 2). Foi reproduzido um vaso a partir de uma borda: é de tamanho médio, acordelado, simples e elipsóide de eixo horizontal (Pr. VIII, nº 6).

Bases: não há.

Espessura das paredes: varia de 4 a 13 mm, predominando entre 8 e 10 mm.

#### 4. *Técnicas associadas*:

O Ungulado está associado a outros tipos de decoração plástica.

Nos vasos observamos o Ungulado na parte superior, até o ombro, depois o Corrugado (Pr. VII, nº 4), o Escovado irregular (Pr. VII, nº 6, 7); com o pescoço Ungulado seguido do Corrugado-Ungulado (Pr. VII, nº 5); com uma estreita faixa de 8 mm junto ao lábio, Ungulada, seguida de outra de 22 mm, Corrugada-Ungulada e, finalmente, ungulações no restante do vaso (Pr. VII, nº 12). Outro aspecto que destacamos é a relativa quantidade de vasos com decoração Ungulada na parte superior e na inferior sem decoração (Pr. VII, nº 8, 9, 13 e Pr. VIII, nº 1, 2).

e) Tipo ESCOVADO

57 fragmentos - 1 % do total

1. Pasta:

Como no Simples.

2. Superfície:

Côr: como no Simples.

Tratamento da superfície: face interna como no Corrugado. Face externa: sulcos rasos, mais ou menos paralelos entre si, em sua maior parte oblíquos e verticais à borda e produzidos por um instrumento de múltiplas pontas. Em um caso registramos unguilações sobre o escovado.

Dureza: como o Simples.

3. Formas:

Bordas: 7. Existe apenas uma vertical, direta e arredondada; não foi possível medir sua abertura (Pr. VIII, f).

As extrovertidas são diretas, arredondadas e as 3 aberturas que conseguimos medir alcançaram 34, 44 e 40 cm, sendo esta última reproduzida (Pr. VIII, g - i); a primeira possui uma faixa de 6 mm, junto ao lábio, sem decoração. O único vaso Escovado é de pequenas dimensões, acordelado, complexo e sua forma é cônica na parte inferior e elipsóide de eixo horizontal na superior (Pr. VIII, nº 7); em 3/4

partes não possui decoração, desde a borda até o ombro. Reproduzimos um vaso a partir de uma borda: é de tamanho médio, acordelado, inflectido e de forma elipsóide de eixo horizontal (Pr. VIII, nº 8).

Não encontramos bordas introvertidas.

Bases: não há.

Espessura das paredes: varia entre 6 e 16 mm, predominando entre 10 e 13 mm.

#### 4. Técnicas Associadas:

O Escovado aparece associado a outras decorações ou seja com o Corrugado-Ungulado (Pr. V, nº 9'), com o Ungulado (Pr. VII, nº 6, 8) e com o Corrugado-Ungulado e o Corrugado, simultaneamente (Pr. VI, nº 15).

#### f) Tipo ACANALADO

2 fragmentos

##### 1. Pasta:

Como no Simples.

##### 2. Superfície:

Côr: pardo-clara.

Tratamento da superfície: face interna como no Corrugado; na externa existem sulcos alongados produzidos pela pressão dos dedos na pasta ainda não cozida formando depres-

sões em forma de "U"; um dos fragmentos está a canalado em sentido vertical e outro horizontal, em relação à borda.

Dureza: como o Simples.

3. *Formas*:

Bordas: 2. A acanalada vertical é direta, arredondada e possui 36 cm de boca (Pr. I, ii); a acanalada horizontal é introvertida, direta e arredondada; não conseguimos a abertura da boca (Pr. I, jj).

g) Tipo BELISCADO

1 fragmento

1. *Pasta*:

Como o Simples porém mais friável.

2. *Superfície*:

Côr: pardo-escura.

Tratamento da superfície: a face interna é alisada (banho ?); a face externa apresenta digitungulações pares produzidas pelas extremidades de dois dedos (polegar e indicador); não muito profundas, dando a impressão de serem em faixas horizontais.

Dureza: 3 (Escala de Mohs).

Espessura da parede: 6 mm.

h) Tipo ESPATULADO

2 fragmentos

1. Pasta:

Como no Simples.

2. Superfície:

Côr: pardo-escuro.

Tratamento da superfície: face interna como no Corrugado; na face externa existem corrugações produzidas por forte pressão mais ou menos regulares, espaçadas, executadas por objeto de bordo rombo de mais ou menos 1 cm de largura em sentido perpendicular ao vaso ou levemente oblíquas.

Dureza: como no Simples.

Espessura das paredes: 12 e 13 mm.

i) Tipo INCISO

1 fragmento

1. Pasta:

Como no Simples.

2. Superfície:

Côr: pardo-escuro.

Tratamento da superfície: face interna como no Simples; na face externa: incisões produzidas por instrumento aguçado, de extremidade retangular (lado maior perpendicular à borda), de 10 x 1,5 mm por 2 mm de profundidade, mais ou menos eqüidistantes entre si e formando linhas paralelas à borda.

Dureza: como no Simples.

Espessura da parede: 10 mm.

j) Tipo NODULADO

1 peça inteira

2. Superfície:

Côr: pardo-clara.

Tratamento da superfície: face interna como no Simples; na face externa, depois de alisada, foram aplicadas pequenas "mamilas" de mais ou menos 5 mm de altura, irregularmente distribuídas (Pr. I, nº 22).

3. Forma:

É uma miniatura, acordelada, de contorno simples e forma esferóide. A base é reforçada e a espessura média da parede é de 5 mm.

1) Tipo SERRUNGULADO

1 fragmento

1. Pasta:

Como no Simples.

2. Superfície

Côr: parda.

Tratamento da superfície: face interna como no Corrugado; na face externa cristas produzidas pelo comprimir da pasta, ainda não cozida, entre as pontas dos dedos, sendo os espaços entre elas, alisados; posteriormente foram feitas unguilações.

Dureza: como no Simples.

Borda: introvertida, direta e arredondada; abertura: 22' cm (Pr. I, 11).

m) Tipo COM SULCOS E UNGULAÇÕES

1 fragmento

1. Pasta:

Como no Simples.

2. Superfície:

Côr: pardo-escura

Tratamento da superfície: face interna como no Corrugado; face externa com sulcos produzidos pelas pontas dos dedos, ainda na pasta não cozida, formando profundos vales em "U" ou ondulações e, sôbre as depressões foram feitas unguilações.

Dureza: como no Simples.

Borda: não foi possível reproduzi-la pois o lábio encontrava-se muito erodido e nem foi possível medi-la.

n) Tipo PINTADO

737 fragmentos - 12,8 % do total

1. Pasta:

Como no Simples.

2. Superfície:

Côr: como no Simples porém não foram observados casos de manchas pretas pelo uso.

Tratamento da superfície: dividimos a cerâmica de decoração Pintada em 10 variedades, em ordem alfabética:

"A" - vermelho, alaranjado ou preto sôbre engobe branco na face externa;

- "B" - vermelho, alaranjado ou prêto sôbre engobe branco na face interna;
- "C" - vermelho ou alaranjado sôbre engobe branco em ambas as faces;
- "D" - engobado de vermelho na face externa;
- "E" - engobado de vermelho na face interna;
- "F" - engobado de vermelho em ambas as faces;
- "G" - vermelho, alaranjado ou prêto sôbre engobe branco na face externa e engobe vermelho na face interna;
- "H" - vermelho ou alaranjado sôbre engobe branco na face interna e engobe vermelho na face externa;
- "I" - faixas vermelhas, sem engobe, na face interna;
- "J" - faixas vermelhas, sem engobe, na face externa.

Dureza: como no Simples.

### 3. Formas:

"A" - Fragmentos: 542 - 9,4 % do total.

Bordas: 114. As verticais são em geral diretas ou reforçadas externamente, arredondadas e os lãbios, em geral, pintados de vermelho; as aberturas variam entre 20 e 50 cm, predominando entre 28 e 40 cm (Pr. VIII, j - o); as mais freqüentes são as j, m, pela ordem; a borda l possui um desenho reproduzido na prancha XII, letra f. São 3 os vasos inteiros, todos de tamanho médio e acordelados; como todos os Pintados externamente, a pintura cobre o corpo até o ombro e depois não existe decoração; o contorno do primeiro é composto e a forma bicônica (Pr. VIII, nº 9), com um leve esbôço de

forma cilíndrica; os outros dois são de contornos complexos sendo o primeiro ovalóide na secção inferior e cônico na superior (Pr. VIII, nº 10) e o segundo é bi-cônico (Pr. VIII, nº 11). Foram reproduzidos 2 vasos a partir de bordas, ambos de tamanho médio e acordelados; o primeiro tem o contorno inflectido e forma elipsóide de eixo horizontal (Pr. VIII, nº 12) e o segundo tem o contorno complexo e a forma elipsóide de eixo horizontal (Pr. VIII, nº 13). Deixamos de reproduzir 2 vasos por se encontrarem fragmentados próximo ao ombro, faltando a borda, o que não nos permitiu classificá-los e, além disso, suas formas não são estranhas - a parte de um é cônica e a do outro ovalóide; o desenho existente em um deles foi reproduzido na prancha XII, letra n.

As extrovertidas são diretas, arredondadas e as aberturas variam entre 14 e 46 cm, predominando entre 22 e 30 cm (Pr. IX, a - s); as mais frequentes são as do tipo c, j, d, m, pela ordem; os lábios estão, frequentemente pintados de vermelho; a borda m possui um desenho representado na prancha XII letra e. Vasos inteiros: 9. Dêstes, 2 são pequenos, 6 médios e 1 grande, todos acordelados. Os pequenos são de contorno complexo; o primeiro tem a forma cônica na secção inferior, elipsóide de eixo horizontal na média e cônica na superior (Pr. IX, nº 3); o segundo tem forma ovalóide na parte inferior e bi-cônica nas superiores (Pr. IX, nº 7). Os médios possuem contorno complexo e formas bi-cônicas (Pr. VIII, nº 15 e Pr. IX, nº 1, 2) e ovalóide na secção inferior e cônica na superior (Pr. VIII, nº 16 e Pr. IX, nº 5, 6); o nº 1 da prancha IX poderia ser tri-cônico na forma. O único vaso de grandes dimensões possui inflectido e a forma ovalóide (Pr. VIII, nº 14). Reproduzimos 3 vasos a partir de bordas: são de tamanho médio, acordelados, 1 inflectido de forma elipsóide de eixo horizontal (Pr. IX, nº 8), 1 composto de forma cônica na secção inferior

e levemente hiperbólica na superior (Pr. IX, nº 4) e 1 complexo de forma bi-elipsóide de eixo horizontal (Pr. IX, nº 9).

As introvertidas são em geral diretas ou com refôrço na face externa (bordalete), lábios apontados e alguns pintados de vermelho; as aberturas variam entre 16 e 60 cm predominando entre 26 e 44 cm (Pr. IX, a - x); as mais freqüentes são os tipos m, a, b, t, pela ordem; os desenhos da prancha XII, letras a, c, g, l, correspondem, respectivamente, às bordas a, q, x, g. Vasos introvertidos: 19; 2 são pequenos, 14 médios e 3 grandes, todos acordelados e alguns com os lábios pintados de vermelho. Os pequenos possuem contôrno complexo de forma tri-cônica e base "mamilar" (Pr. X, nº 4) e contôrno composto de forma elipsóide na secção inferior e cônica na superior (Pr. X, nº 5). Os médios têm contornos complexos e formas bi-cônica (Pr. IX, nº 11 - 13), parte inferior elipsóide de eixo horizontal e cônica na superior (Pr. IX, nº 15 e Pr. X, nº 7, 8), cônica na secção inferior e elipsóide de eixo horizontal na superior (Pr. X, nº 3), semi-esferóide na parte inferior e cônica na superior (Pr. X, nº 9); tri-cônica (Pr. IX, nº 16), ovalóide na secção inferior e cônica na superior (Pr. IX, nº 14 e Pr. X, nº 6) - os números 16 da prancha IX e 3 da prancha X possuem as bases ressaltadas ou "mamilares"; outras têm o contôrno composto e as formas bi-cônica (Pr. IX, nº 17), ovalóide na parte inferior e cônica na superior (Pr. X, nº 1) e elipsóide de eixo horizontal na inferior e cônica na superior (Pr. X, nº 2). Os vasos grandes são de contôrno complexo e formas bi-cônicas (Pr. IX, nº 10 e Pr. X, nº 10, 11).

"B" - Fragmentos: 47 - 0,8 % do total

Bordas: 13. As verticais são diretas, em geral arredondadas ou apontadas e registrou-se um caso de lábio pintado de vermelho; a única abertura conseguida foi de 22 cm (Pr. XI,

a, b). As extrovertidas são diretas, sendo um lábio apontado e outro arredondado, ambos pintados de vermelho e as aberturas são 20 e 22 cm, respectivamente (Pr. XI, c, d). As introvertidas são diretas, arredondadas ou apontadas e a única abertura conseguida foi 22 cm (Pr. XI, e - g). Reproduzimos 1 vaso a partir de uma borda: é de pequenas dimensões, acordelado, contôrno simples e a forma é elipsóide de eixo horizontal (Pr. XI, nº 1).

#### 4. Técnicas associadas:

Foram registradas 2 bordas com engobe branco sob pintura vermelha na face interna e Corrugado na externa (Pr. XI, h, i); ambas são diretas sendo o lábio da primeira arredondado e o da segunda apontado; a única abertura conseguida foi o da segunda: 20 cm; esta possui, na face externa, uma faixa de 18 mm, a partir do lábio, sem decoração, seguindo, após, o Corrugado; a borda tipo h tem o desenho correspondente reproduzido na prancha XII letra p.

"C" - Fragmentos: 5 - 0,1 % do total

Bordas: 1; é vertical, direta, apontada e sua abertura é de 26 cm; o engobe branco, internamente, vai até a parte assinalada no desenho, a 26 mm do lábio (Pr. XI, j).

"D" - Fragmentos: 13 - 0,2 % do total

Bordas: 5. São introvertidas, diretas e uma com refôrço externo, 4 arredondadas e 1 apontada; a única abertura conseguida foi de 26 cm (Pr. XI, l, m). O único vaso deste tipo é de tamanho grande, acordelado, composto e bi-cônico (Pr. XI, nº 2); possui, como decoração, apenas uma faixa de 18 mm engobada de vermelho, externamente; na face interna, a 4 cm do lábio, existem quatro sinais, dois a dois, o-

postos, de 17 mm de diâmetro e distantes 10 mm entre si, que serviriam, provavelmente, de alças de suspensão ou suporte de tampa; inclinamos-nos mais pela segunda hipótese, pois, pelas grandes proporções e peso do vaso, as supostas alças não suportariam - o local dos sinais está indicado por uma seta.

"E" - Fragmentos: 68 - 1,2 % do total

Bordas: 19. As verticais são diretas, arredondadas e as aberturas conseguidas foram de 24 e 26 cm (Pr. XI, n). As extrovertidas são diretas, arredondadas e as aberturas que conseguimos são de 24 e 36 cm (Pr. XI, o - q); o tipo p tem um sulco a 1 cm do lábio, na face externa, paralelo à borda. As introvertidas são diretas, arredondadas e as aberturas variam entre 14 e 28 cm e o predomínio é entre 20 e 24 cm (Pr. XI, r- x); a mais frequente é o tipo s. Foram reproduzidos 3 vasos a partir de bordas: são todos pequenos, acordelados, de contornos simples e forma elipsóide de eixo horizontal (Pr. XI, nº 3 - 5).

#### 4. *Técnicas associadas:*

Existem 4 bordas com engobe vermelho na face interna e na face externa o Corrugado-Ungulado (Pr. XI, z, aa, bb) e o Corrugado (Pr. XI, cc); as duas primeiras são extrovertidas, de lábios arredondados e a única abertura conseguida foi de 18 cm para o tipo aa; a terceira e a quarta são introvertidas, de lábios arredondados e as aberturas são 24 e 16 cm, respectivamente. Foi reproduzido um vaso a partir de uma borda: internamente é engobado de vermelho e externamente é Corrugado-Ungulado; seu tamanho é médio, acordelado, levemente inflectido e forma semi-esferóide (Pr. XI, nº 6).

"F" - Fragmentos: 10 - 0,2 % do total

Bordas: 7. As extrovertidas são: direta e com reforço interno, lábio apontado e arredondado e as aberturas são, respectivamente, de 40 e 14 cm (Pr. XI, dd, ee). Reproduzimos 1 vaso a partir de borda: é pequeno, acordelado, inflectido e elipsóide de eixo horizontal (Pr. XI, n<sup>o</sup> 7). As introvertidas são diretas, de lábios arredondados e as aberturas conseguidas são de 20, 22 e 24 cm (Pr. XI, ff - hh).

"G" - Fragmentos: 30 - 0,5 % de total

Bordas: 10. As verticais são diretas, de lábios arredondados e apontados e a abertura conseguida foi de 34 cm (Pr. XI, ll, mm). As extrovertidas são diretas, de lábios arredondados e aplanados e as aberturas são de 16, 20 e 40 cm (Pr. XI, nn - qq). As introvertidas são diretas, de lábios apontados e as duas possuem 20 cm de abertura (Pr. XI, rr) - reproduzimos uma apenas, por serem iguais na prancha XII, letra r, encontramos um desenho correspondente a este tipo de borda. Vasos inteiros: 2; um de tamanho médio, acordelado, complexo e de forma tri-cônica (Pr. XI, n<sup>o</sup> 9) e o outro é de tamanho grande, acordelado, composto de bi-cônico (Pr. XI, n<sup>o</sup> 8).

"H" - Fragmentos: 13 - 0,2 % do total

Bordas: 1. É uma borda levemente extrovertida, direta, apontada e a abertura não foi possível medir (Pr. XI, ii).

"I" - Fragmentos: 4 - 0,1 % do total

Nenhuma borda.

"J" - Fragmentos: 5 - 0,1 % do total

Bordas: 1. É uma borda introvertida, direta, arredondada e a abertura é mais de 40 cm (Pr. XI, jj).

Bases: não encontramos base do tipo Pintado.

Espessura das paredes: varia entre 4 e 18 cm, predominando entre 7 e 14 cm; os Pintados tipo "A" são mais espessos.

Na prancha XII reproduzimos desenhos dos tipos Pintados "A" (a - n), "B" (o - q), "G" (r), "I" (s - v) e "J" (x, z).

### o) OUTROS TIPOS

#### 7 peças inteiras

Aqui foram incluídas peças que consideramos, em nosso Estado, estranhas à tradição tupi-guarani.

#### 3. Formas:

Os 7 vasos são de pequenas dimensões, acordelados e com mais as seguintes características: o primeiro é sem decoração, mal alisado em ambas as faces - nota-se o digitado intencional - introvertido, de contorno inflectido e forma ovalóide; possui um bico e sua coloração é marrom-escuro (Pr. I, nº 16). O segundo é extrovertido, de lábio arredondado com reforço na face externa, composto e de forma elipsóide de eixo horizontal; possui saliências elipsóides de eixo vertical ("gomos") a partir do pescoço até a base, bem alisadas e arredondadas e, internamente se notam os negativos da decoração externa também com bom alisamento; a base é plana e a coloração é parda (Pr. I, nº 17). O terceiro é introvertido, de lábio apontado, composto e elipsóide de eixo horizontal;

possui, como decoração e coloração, as mesmas características do anterior porém as saliências ("gomos") são mais estreitas (Pr. I, nº 18). O quarto é levemente introvertido, de lábio aplano, inflectido e de forma semi-esferóide; a base é plana e reforçada; não possui decoração externamente, sendo bem alisado em ambas as faces; na face interna foram feitas duas incisões que se cruzam bem no centro da base e que vão de um extremo ao outro e, obliquamente as grandes incisões e paralelas entre si, produziram outras bem menores o que dá um aspecto de espinha de peixe; a coloração é preta (Pr. I, nº 19). O quinto vaso é extrovertido, de lábio arredondado, composto e forma ovalóide na parte inferior e cônica na superior; a base é plana; é alisado medianamente em ambas as faces e apresenta, na secção inferior porém próximo ao pescoço, apliques em forma de "serras", oblíquos à borda e mais ou menos equidistantes entre si - as dimensões destes apliques são: 3 cm de comprimento, em média, 0,8 cm de largura e 0,5 cm de altura; a coloração da peça é marrom-escuro (Pr. I, nº 20). O sexto vaso é extrovertido, de lábio arredondado, composto e de forma cônica na secção inferior e hiperbólica na superior; a base é plana; é alisado medianamente em ambas as faces e, na face externa, o ombro é ressaltado por uma linha em zigue-zague com o vértice voltado para cima; na parte superior existem dois sinais de 0,8 cm de diâmetro cada um, possivelmente de uma alça; sua coloração é marrom (Pr. I, nº 21). O sétimo vaso é extrovertido, de lábio apontado, inflectido, de forma elipsóide de eixo horizontal na parte inferior e cônica na superior; a base é plana; é bem alisado na face externa e medianamente na interna; possui engobe vermelho na secção inferior e frisos vermelhos curvilíneos sobre engobe branco, na superior (Pr. I, nº 23).

### 3) SERIAÇÃO

No conjunto do material se observaram 4 temperos dentro do total arenoso, pois a cerâmica argilosa é praticamente inexistente na área: óxido de ferro, quartzo, óxido de ferro mais quartzo e sem nenhum dos dois temperos. Pelos resultados obtidos parece haver 3 séries distintas porque foi impossível interdigitá-las devido a diferenças na proporção do tempero e da decoração. Como foi um trabalho de coleta superficial apenas, não podemos precisar o sentido das curvas de popularidade.

Série 1: Número de fragmentos - 3.042  
Coleções: 17

Na análise da seqüência cronológica da série 1, observa-se que as curvas de popularidade do sem tempero e do quartzo tem a mesma direção enquanto a do óxido de ferro é inversa às dos dois e, a popularidade do tempero óxido de ferro mais quartzo se mantém estável. Na orientação adotada experimentalmente, o tempero com óxido de ferro diminui de 90 a 15 %, enquanto aumentam a do quartzo, de 0,6 a 23 %, faltando ocasionalmente, e a do sem tempero, de 1,5 a 56 %; a de óxido de ferro mais quartzo permanece estável entre 2,2 e 24 %.

Na seriação quanto à decoração, o tipo Simples permanece estável entre 12 e 30 %; o Corrugado diminui e aumenta, de 42 para 6 e depois 39 % mas, o que ocorre, provavelmente, é existirem 2 tipos de Corrugado, um com óxido de ferro e outro sem tempero dos quais o primeiro diminui, sendo substituído pelo segundo. O Corrugado-Ungulado apresenta o padrão de crescimento auge e declínio, tendo o seu máximo na parte média da seqüência e a variação vai de 18 a 56 %; ao Pintado parece ocorrer algo semelhante como ao Corrugado, acompanhando a cur-

va de popularidade dêste; a variação é de 22 para 1,5 e depois 26 %; o Ungulado e o Escovado não apresentam tendência definida, variando o primeiro de 0,5 a 21 %, ocasionalmente faltando e o segundo, de 0,5 a 7 %, ocasionalmente faltando.

Série 2: Número de fragmentos: 1.230  
Coleções: 12

Na análise da seqüência cronológica desta série, nota-se que a curva de popularidade do tempêro de óxido de ferro é inversa da que tem óxido de ferro mais quartzo; na orientação que adotamos, o primeiro aumenta de 2,5 a 100 % enquanto o segundo diminui de 91 a 0 %; os outros dois tipos, sem tempêro e com quartzo, ocasionalmente aparecem e de maneira irregular isto é, sem nenhuma orientação; a orientação do primeiro vai de 3,1 a 11 % e do segundo, de 1,5 a 12,6 %.

Na seriação relativa à decoração, o tipo Simples tende a aumentar de 6 a 36 %; o Corrugado permanece estável entre 20 e 46 %; o Corrugado-Ungulado tende a diminuir de 47 a 7 %; o Pintado apresenta o padrão de crescimento au ge e declínio, tendo o seu máximo na parte média da seqüência; sua variação vai de 2,5 a 36%; o Ungulado e o Escovado não apresentam tendência definida e com falhas ocasionais; o primeiro varia de 1 a 21 % e o segundo de 0,5 a 14%.

Série 3: Número de fragmentos: 248  
Coleções: 5

Esta série foi feita com coleções que não nos foi possível encaixar nas seqüências anteriores mas, como apresentava uma razoável tendência, resolvemos criar uma nova sé

rie. A curva de popularidade com dois tempêros tem a mesma direção do tempêro com quartzo e inversa à do óxido de ferro. Na orientação adotada, com óxido de ferro mais quartzo e a com quartzo, aumentam, o primeiro de 63 a 100 % e o segundo de 10,6 a 21 %, com falhas nas 2 coleções superiores; a com óxido de ferro diminui de 26,4 para 11 %, falhando nas 3 coleções superiores.

Na decoração, enquanto o Corrugado-Ungulado diminui, de 91,6 para 9,6 %, o Simples e o Corrugado aumentam, o primeiro de 1,1 para 36,5 % e o segundo de 43 p/46,2 o Ungulado, Escovado e Pintado, não apresentam tendência definida, acrescido de falhas na seriação e também dificultado pela pequena quantidade de fragmentos. O primeiro possui duas percentagens: 4,9 e 5,8 %; o segundo, uma percentagem: 11,1 %; o terceiro, três percentagens contíguas: 3,2, 22,2 e 6,6 %.

Comparação entre as séries: Dadas as características observadas nas proporções dos temperos nas séries 1, 2 e 3, é muito provável que elas se sigam nesta ordem ou somente na inversa. Se isto ocorrer, ficariam explicados os vários fenômenos observados nas tendências dos vários tipos Simples e decorados.

#### 4) COMPARAÇÕES

Para o trabalho de comparações procuramos fazê-lo com materiais tupi-guarani estudados em nosso Estado, alguns já publicados e outros em publicação. Porém, como nestas publicações não foram esgotados todos os dados, procuramos, em contato direto, realizar tal tarefa.

A primeira comparação foi com a cerâmica estudada pelo Professor José J. J. Proenza Brochado. Possui 4 fases da tradição tupi-guarani: Vacacaí, Induã, Ijuí e Toropí. Com relação ao tempêro, a cerâmica da área do rio Pardinho, apesar das diferenças existentes, é intermediária entre Ijuí e o Induã, com mais tendência para esta última fase; a da área do rio Pardinho, porém, é mais arenosa do que a Ijuí e possui areia mais fina e em menor quantidade do que a Induã.

Quanto às formas nos foi possível comparar com a fase Ijuí,

- a) No tipo Simples: os vasos nº 4, 5 e 6 e as bordas j, l, n, z, aa, cc, todos da prancha I. Os vasos da fase Ijuí são muito introvertidos; existem muitas tijelas e são pouco constrictas (abertas); apresentam um inflectido leve ou carenado.
- b) No tipo Corrugado: bordas a, b, d, h, i, o, da prancha IV. As bordas são mais ou menos constrictas nas formas extrovertidas e os vasos são maiores.
- c) No tipo Corrugado-Ungulado: bordas, pp, qq, da prancha IV; e - j, bb, dd, da prancha VI. A semelhança reside nos "telhados" comuns a ambas as fases e, em geral, os vasos da fase Ijuí são inflectidos e menores que os Corrugados da mesma fase.
- d) No tipo Ungulado: encontramos tipos de bordas iguais nas gg, qq, rr, da prancha VII e no vaso nº 6 da prancha VIII.
- e) No tipo Escovado: poderiam ser iguais ao vaso nº 8 da prancha VIII porém os da fase Ijuí possuem maior altura.
- f) No tipo Pintado: A fase Ijuí possui aquelas características comuns à tradição tupi-guarani ou seja o pintado cobre apenas a parte superior, até o ombro e tem um friso verme-

lho abaixo do bordalete. As formas, em geral, são diferentes pois a fase Ijuí possui vasos mais largos do que altos ou seja, muitas tijelas ou vasilhas pequenas. O que encontramos de semelhante foi o seguinte: as bordas n, da prancha VIII, h - j, da prancha IX, h - j, da prancha X. Estes últimos tipos são os mais comuns (cambados). Os vasos que mais se aproximam são n<sup>o</sup> 12, da prancha IX e o n<sup>o</sup> 6, da prancha X. Nos desenhos da prancha XII, as letras a, d, l, m. Com relação às outras fases a única coisa que foi possível apurar é que a Induã e a Toropi possuem vasos de tamanhos grandes, isto é, mais característicos da tradição tupi-guarani, ao passo que na Vacacaí os vasos são de pequenas dimensões. Com esta última fase, portanto, não poderemos, de maneira alguma, comparar a cerâmica da área do rio Pardinho.

Comparando a cerâmica do rio Pardinho com a cerâmica do vale do Caí, estudada por Mentz Ribeiro (1968), podemos dizer que em relação ao antiplástico, existe muita semelhança, isto é, a cerâmica arenosa que predomina na área do Pardinho apresenta as mesmas características da cerâmica do vale do Caí: são grânulos de 0,5 mm, em média, amarelados e esbranquiçados e também arredondados. Igualmente não notamos diferença quanto às formas. Nas grandes urnas predominam as formas cônicas e nos vasos médios e pequenos como também nas miniaturas, existe uma variedade maior, predominando os ovóides ou elipsóides de eixo horizontal, como na área do rio Pardinho.

Com relação às bordas e desenhos comparamos o seguinte:

- a) No tipo Simples: as bordas c, m, u, z - cc, da prancha I, são iguais às encontradas no vale do Caí; com relação ao tamanho e aberturas a diferença é mínima pois no rio Pardinho ocorrem vasos um pouco maiores. Percentagem sobre o total: Caí: 23,26 %; rio Pardinho: 19,6 %.

- b) No Tipo, Corrugado e Corrugado-Ungulado: no estudo do vale do Caí, não fizemos distinção entre estes tipos de decoração plástica. As bordas comuns às duas áreas são as seguintes: a, c, l, n, p, bb, da prancha II; c, i, j, o, p, r - t, bb, cc, gg, qq, da prancha IV; b, c, e, l, p, q, z, aa, da prancha VI; d, e, n, o, q, - s, da prancha VII. No tamanho, os médios são praticamente iguais apenas no vale do rio Pardinho ocorrem vasos com aberturas de até 52 cm, 10 cm a mais do que no vale do Caí - talvez pela quantidade. Percentagem sobre o total: Caí: 41 %; Rio Pardinho: 57,1 %.
- c) No tipo Ungulado: as bordas comuns são: cc, ee, gg, oo - qq, da prancha VII; a - e, da prancha VIII. Não se observam diferenças com relação às aberturas e tamanho das peças. Percentagem sobre o total: Caí: 23,26 %; Rio Pardinho: 5 %.
- d) No tipo Escovado: borda comum: h, da prancha VIII. Como obtivemos apenas uma abertura no vale do Caí, não nos foi possível fazer comparações mas, pela espessura das paredes, não existe diferença. Percentagem sobre o total: Caí: 1,7 %; Rio Pardinho: 1 %.
- e) No tipo Pintado: apresentam as mesmas características de serem pintadas até o ombro (carena) e o restante sem decoração, quando externamente; muitas bordas têm o lábio pintado de vermelho e uma faixa vermelha abaixo do bordalete, da carena ou em cada construção; os Pintados tipo "B" tem motivos curvilíneos. As diferenças existentes são de que no vale do Caí não foram encontrados os tipos "I" e "J"; a pintura preta; as tijelas raras que no vale do Caí caem no tipo "B", na área do rio Pardinho estão no tipo "E". Com relação aos percentuais de cada tipo, as diferenças são mínimas; vejamos (a primeira corresponde ao vale do Caí): "A" - 81,5 pa-

ra 73,5 %; "B" - 4,25 para 6,4 %; "C" - 0,3 para 0,7 %; "D" - 1,5 para 1,8 %; "E" - 4,25 para 9,4 %; "F" - 1,2 para 1,4 %; "G" - 4,5 para 4,1 %; "H" - 1,5 para 1,8 %.

Quanto às formas: letra n, da prancha VIII; f, l, m, q, r, reprodução nº 9, todos da prancha IX; a, m, p, q, u, da prancha X; reprodução nº 5, da prancha XI, porém no vale do Caí se enquadra no tipo "B". Os tamanhos e aberturas são praticamente iguais exceção feita com algumas aberturas do tipo "A", que chegam a alcançar até 60 cm de boca na área do rio Pardiniho - talvez pela maior quantidade. Por outro lado já encontramos urnas no vale do Caí com esta abertura aproximada. Os desenhos estudados no vale do Caí são iguais ao da prancha IX, nº 12, frisa superior e inferior; prancha X, nº 6, frisa inferior porém não preta e sim vermelha e, da mesma prancha, nº 11, a primeira ou segunda frisa e a terceira ou quarta frisa de desenhos; prancha XII, letras d, g, ("A"); o - q ("B"); r (exceto o engobe vermelho na face interna).

Na comparação que fizemos com a cerâmica do Professor Eurico Th. Miller (1967) e suas fases Maquinê e Paranhana, o tempêro está mais próximo a esta última fase (arenosa e também as dimensões dos grãos de areia). Porém, quanto à decoração, a cerâmica do rio Pardiniho situa-se na fase Maquinê por pertencer a uma sub-tradição Corrugada devido à maior popularidade deste tipo de decoração plástica em relação aos demais tipos. A fase Paranhana é uma transição entre a sub-tradição Corrugada e a Escovada, logo não é o caso da cerâmica do rio Pardiniho. Como as sub-tradições têm sentido cronológico relativo (a Corrugada é mais antiga que a Escovada), parece que a cerâmica rio Pardiniho é mais antiga que a Paranhana (Brochado et alli, 1968). As semelhanças encontram-se nos seguintes tipos:

- a) Com relação ao tipo Simples Maquinê: os vasos nº 5, 15, da prancha I; bordas e, n, t, aa, cc, da mesma prancha. Os vasos da fase Maquinê são um pouco maiores que os do rio Pardinho.

Com relação ao tipo Simples Paranhana: vaso nº 6 e borda i, da Prancha I.

- b) Com relação ao tipo Corrugado Maquinê: vaso nº 2 e bordas a, c, f, da prancha II, vasos 4 - 8 e bordas p - r, u, aa, da prancha II; vaso nº 5 da prancha III; vasos nº 1, 3, 4 e bordas a, e - i, l, q, z, cc, dd, da prancha VI.

Com relação ao tipo Corrugado Paranhana: borda g, da prancha II; vaso nº 8 e bordas q, r, aa, da prancha II; vasos nº 1, 3 e bordas c, e, o, s, da prancha IV.

Para as duas fases, comparando o tamanho dos vasos com os do rio Pardinho, não notamos diferença. Na fase Maquinê ocorrem bases planas ou levemente côncavas.

- c) Com relação ao tipo Corrugado-Ungulado Maquinê: vaso nº 14 e borda qq, da prancha IV; vasos nº 2 - 4, 13, da prancha V; bordas a, d, g, n, s, aa - dd, da prancha VI; vaso nº 14, da prancha VI; bordas f, n - q, t, u, da prancha VII.

Com relação ao tipo Corrugado-Ungulado do Paranhana: vaso nº 14 e bordas qq, nn, da prancha IV; vasos nº 2, 3, 12, 13, da prancha V; vasos nº 15, 17 e bordas b, f, i, j, q, da prancha VI; bordas n, o, t, da prancha VII.

Comparando o tamanho dos vasos, as duas fases são, em média, um pouco maiores do que os do rio Pardinho.

- d) Com relação ao tipo Ungulado Maquinê: vaso nº 5 e bordas cc, dd, da prancha VII; vaso

nº 9 e bordas gg, hh, mm - pp, da prancha VII; vaso nº 2 e bordas a - e, da prancha VIII.

Com relação ao tipo Ungulado Paranhana: vaso nº 5 e borda ee, da prancha VII; vasos nº 12 - 14 e bordas gg, hh, jj, mm, pp, da prancha VII; vasos nº 2, 6 e bordas d, e, da prancha VIII.

O tamanho dos vasos é igual.

- e) Com relação ao tipo Escovado Maquiné: existe muita diferença; os vasos são raros porém as paredes são retas e não inflectidas; o vaso nº 7 da prancha VIII tem algo parecido na fase Maquiné porém o bôjo é mais alongado.

Com relação ao tipo Escovado Paranhana: a única comparação que podemos fazer é com a reconstrução nº 8 da prancha VIII, porém o fundo é mais cônico.

Nas fases Maquiné e Paranhana não se registraram outros tipos como o Espatulado, o Inciso, o Serrungulado, o Com Sulcos e Ungulações e o Acanalado em sentido horizontal; na fase Paranhana ocorre um caso de Acanalado vertical.

- f) Com relação ao tipo Pintado Maquiné: "A" - vasos nº 10, 12, 14, 15 e bordas l, n, o, da prancha VIII; vasos nº 1, 2, 5, 6, 8, 10, 11, 15 e bordas c, d, f, g, o, q, da prancha IX; vasos nº 2, 5, 7, 8, 10, 11 e bordas l - u, da prancha X. O tamanho dos vasos é igual. "B" - vaso nº 1 e bordas b, d - g, da prancha XI. "C" - apenas 2 bordas que não coincidem. "D" - não tem registrado. "E" - vasos nº 3, 6 e bordas n, p - s, u, v, da prancha XI; a maior parte da cerâmica Pintada da fase Maquiné pertence a este tipo. "F" - bordas gg, hh, da prancha XI.

Os restantes tipos não tem sido registrados nesta face.

Com relação ao tipo Pintado Paranhana: "A" - vaso nº 9 e bordas l, o, da prancha VIII; vasos nº 1, 2, 5, 6, 15 e bordas d - f, o, da prancha IX; vasos nº 2, 3, 5, 10, 11 e bordas d, h, j, l - n, t, da prancha X. "B" - vaso nº 1 e bordas b, d - g, da prancha XI. "C" - apenas uma borda que não coincide. "D" - borda m, da prancha XI. "E" - vasos nº 4, 6 e bordas n, p, da prancha XI. "F" - não tem registrado. "G" - borda nm, da prancha XI.

Os restantes tipos não tem registrados nesta fase.

Características semelhantes são os lábios vermelhos em muitas bordas e não possuem decoração após a carena (Parte inferior), externamente. Quanto aos desenhos da fase Maquiné, muito pouco reproduzidos, são semelhantes aos da prancha XII, letras a, c, d, l, r ("A"); prancha X, vaso nº 11, parte inferior do desenho e prancha IX, vaso nº 12, parte superior do desenho.

Os desenhos da fase Paranhana não foram reproduzidos pois eram poucos e muito erodidos.

T A B E L A C E R Â M I C A

<u>TIPO</u>	<u>FRAGMENTOS</u>	<u>BORDAS</u>	<u>BASES</u>	<u>%</u>	<u>VASILHAME</u>	<u>%</u>
Simples	1.119	71	11	19,6	11	7,5
Corrugado	1.490	230	6	25,8	24	16,3
Corrugado-Un- gulado	1.808	257	13	31,3	50	34,0
Ungulado	289	41	0	5,0	17	11,6
Escovado	57	7	0	1,0	1	0,7
Acanalado	2	2	0			
Beliscado	1	0	0			
Espatulado	2	0	0			
Inciso	1	0	0			
Nodulado					1	0,7
Serrungulado	1	1	0			
Com Sulcos e Ungulações	1	1	0			
Pintado - "A"	542	114	0	9,4	33	22,4
"B"	47	13	0	0,8		
"C"	5	1	0	0,1		
"D"	13	5	0	0,2	1	0,7
"E"	68	19	0	1,2		
"F"	10	7	0	0,2		
"G"	30	10	0	0,5	2	1,4
"H"	13	1	0	0,2		
"I"	4	0	0	0,1		
"J"	5	1	0	0,1		
Outros Tipos Inclassificã- veis	<u>268</u>	<u>0</u>	<u>0</u>	<u>4,6</u>	<u>7</u>	<u>4,8</u>
T O T A I S	5.776	781	30	100,2	147	100,1

BIBLIOGRAFIA CITADA

Brochado, J. Proenza

- 1969 - Dados parciais sôbre a arqueologia do vale do Ijuí, in Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (2), Museu Paraense Emílio Goeldi. Publ. av. 10, 11-28, 4 est. Belém.

Brochado, J. Proenza e outros

- 1969 - Arqueologia brasileira em 1968, um relatório preliminar sôbre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, Museu Emílio Goeldi. Publ. av. 12, 33 pp. il. Belém.

Chiara, V.

- 1956 - Índios do Rio Grande do Sul, in Enciclopédia Riograndense I, 1-18, Canoas.

Dreys, N.

- 1961 - Notícia descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro, Pôrto Alegre.

Ferreira Filho, A.

- 1958 - História Geral do Rio Grande do Sul, Pôrto Alegre.

Lopes Neto, Simões

- 1955 - Terra Gaúcha, Pôrto Alegre.

Magnanini, R. Lopes da Cruz

- 1959 - Clima (da Grande Região Sul), in Atlas do Brasil (Geral e Regional, Rio de Janeiro, p. 74 s.

Miller, E. Th.

- 1967 - Pesquisas arqueológicas efetuadas no Nordeste do Rio Grande do Sul, in Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, Resultados preliminares do primeiro ano, 1965-1966, Museu Paraense Emílio Goeldi. Publ. av. 6, 15-26, 12 est. Belém.

Pôrto, A.

- 1943 - História das Missões Orientais do Uruguai, vol. I, Rio de Janeiro.
- 1954 - História das Missões Orientais do Uruguai, primeira parte, segunda ed., Pôrto Alegre.

Ribeiro, P. A. Mentz

- 1968 - Os sítios arqueológicos do Vale do Rio Caí, in Arqueologia da Área do Prata, Pesquisas, Antropol. nr. 18, 153-169, il. São Leopoldo.

Romariz, D. de Amarante

- 1959 - Vegetação (da Grande Região Sul), in Atlas do Brasil (Geral e Regional), Rio de Janeiro, p. 76 s.

Schmitz, P. I. e outros

- 1967 - Arqueologia no Rio Grande do Sul, Pesquisas, Antropologia nr. 16, 24-58, il. São Leopoldo.

Seminário de ensino e pesquisas em sítios cerâmicos

- 1966 - Terminologia arqueológica Brasileira para a cerâmica, Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Man. de Arq. nr. 1, 22 pp, 12 pr. Univ. Fed. do Paraná, Curitiba.

Serrano, A.

1936 - Etnografía de la Antigua Provincia  
del Uruguay, Paraná.

Shepard, A.

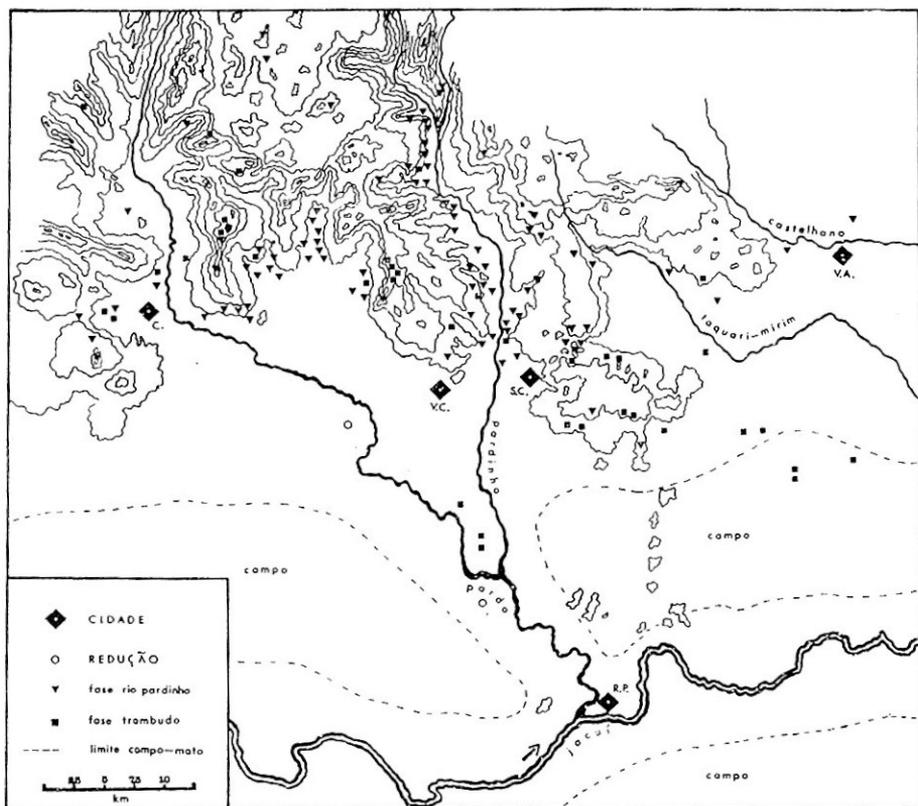
1961 - Ceramics for the Archaeologist, Car-  
negie Institution of Washington, Publ.  
609, Washington.

Souza Docca, E. F.

1954 - História do Rio Grande do Sul, Rio de  
Janeiro.

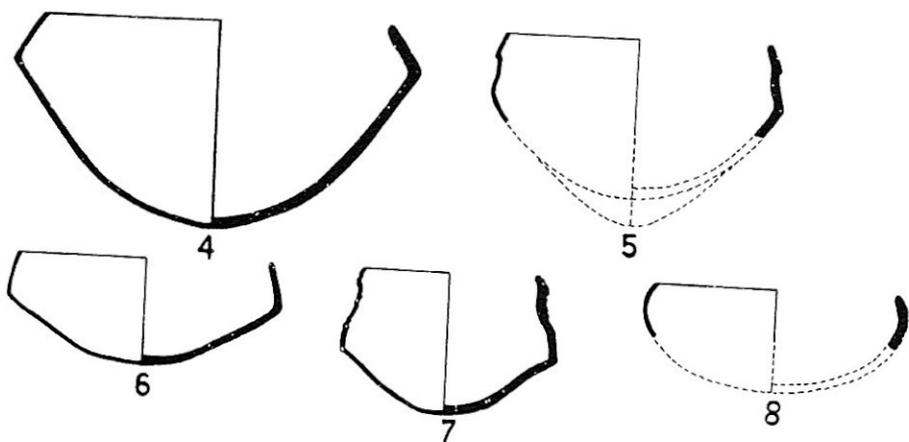
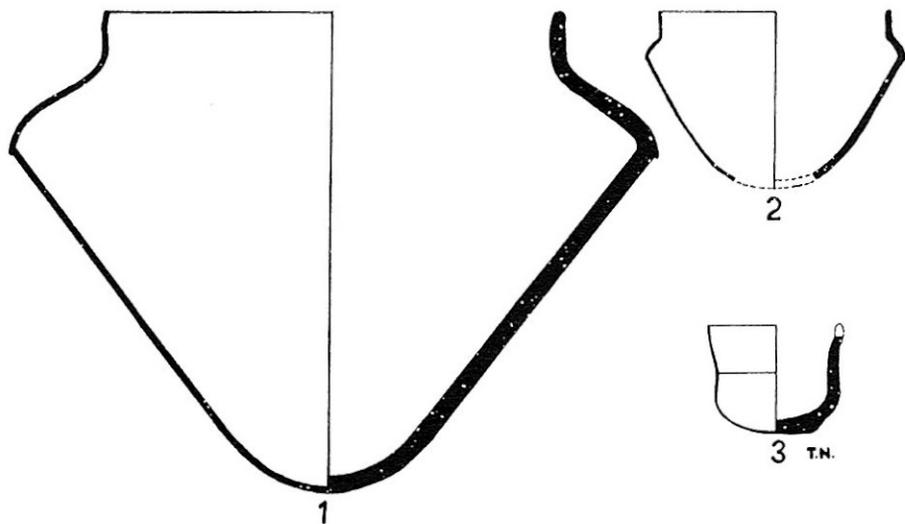
Teschauer, C.

Poranduba Riograndense, Pôrto Alegre.

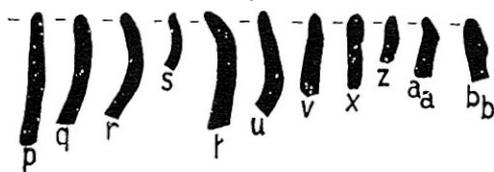


Mapa da Bacia do Baixo Rio Pardo, com seu afluente, o Rio Pardinho e a distribuição dos sítios pela área.

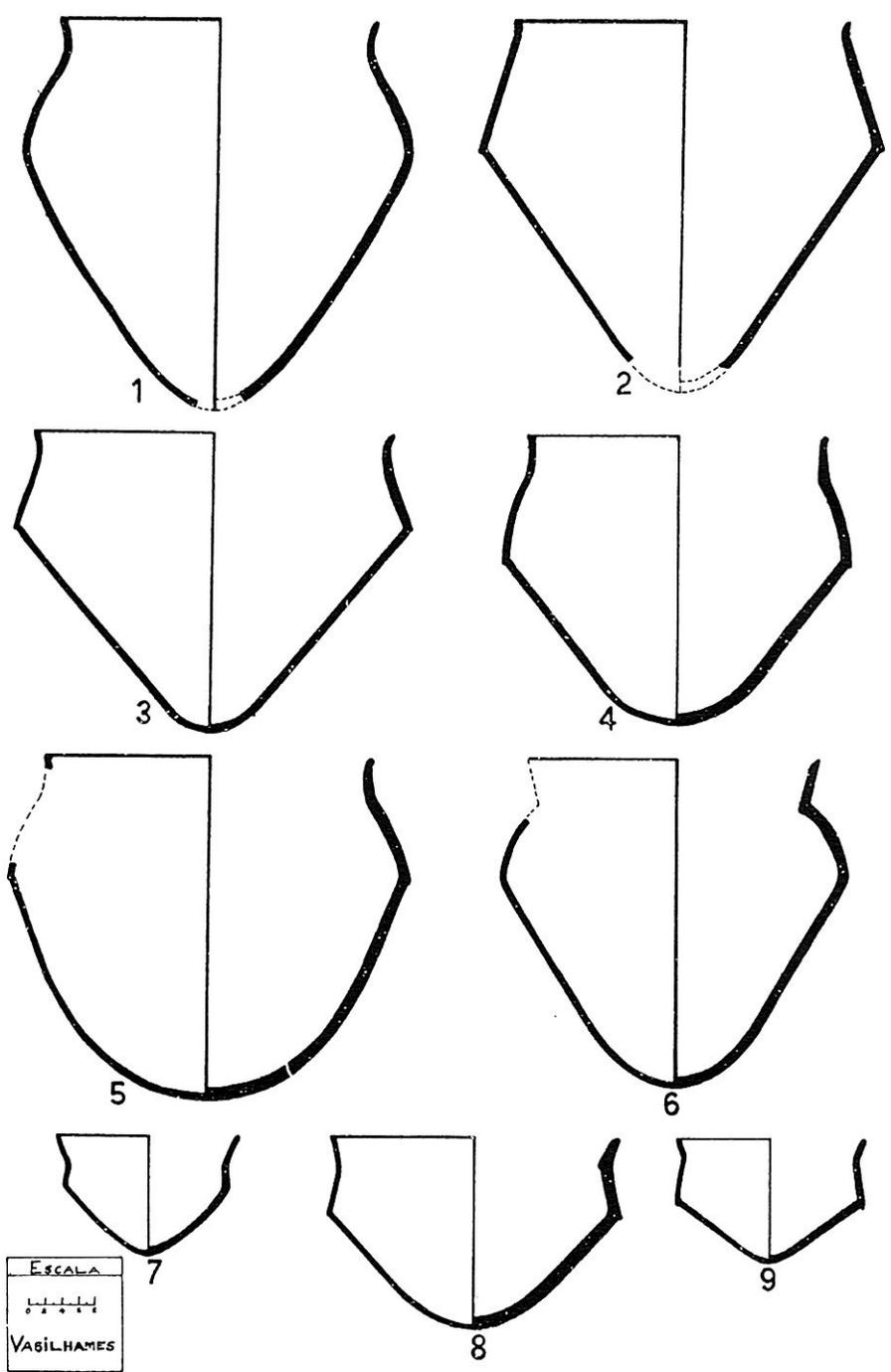




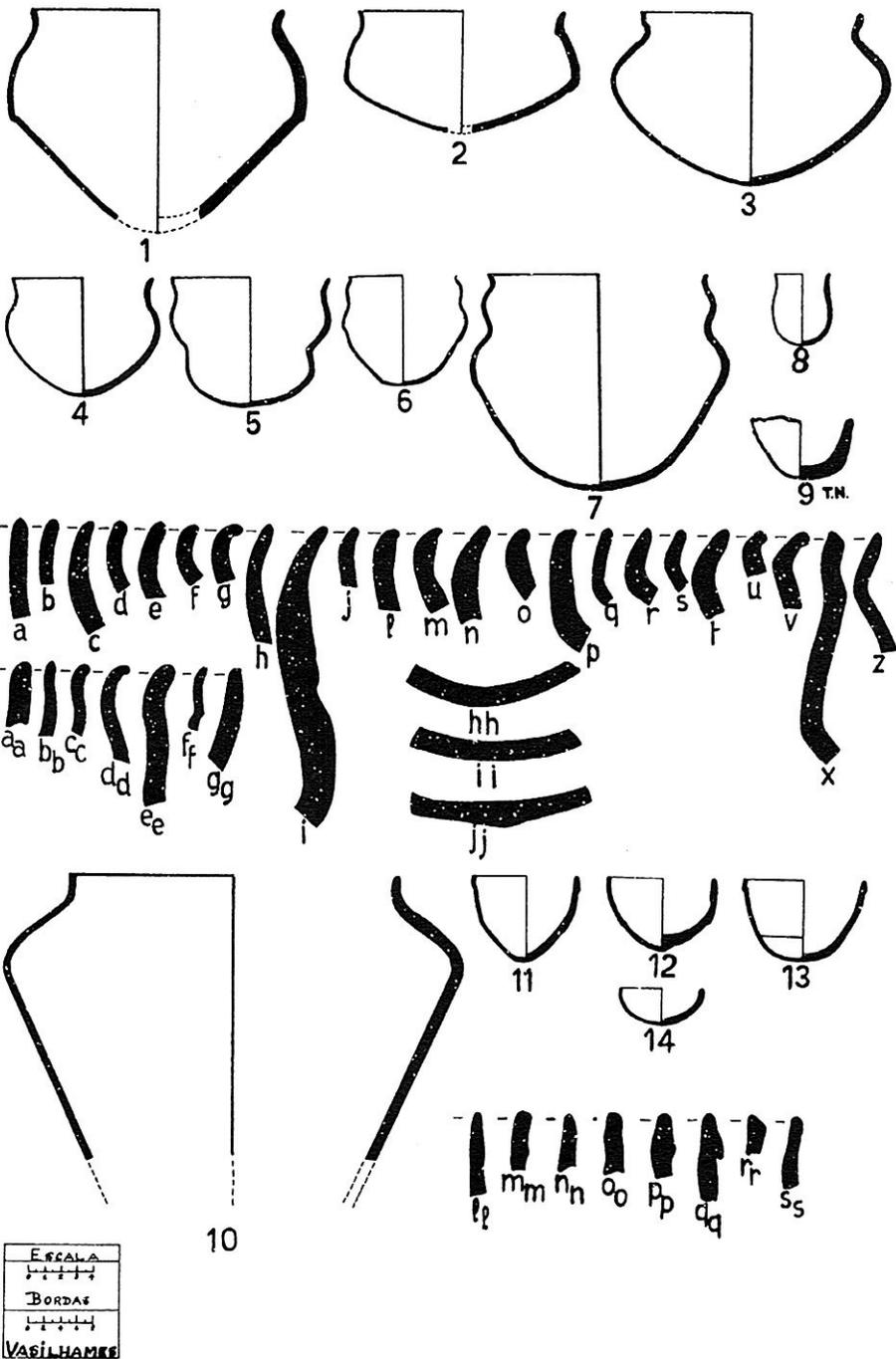
ESCALA
BORDAS
VASILHAMES



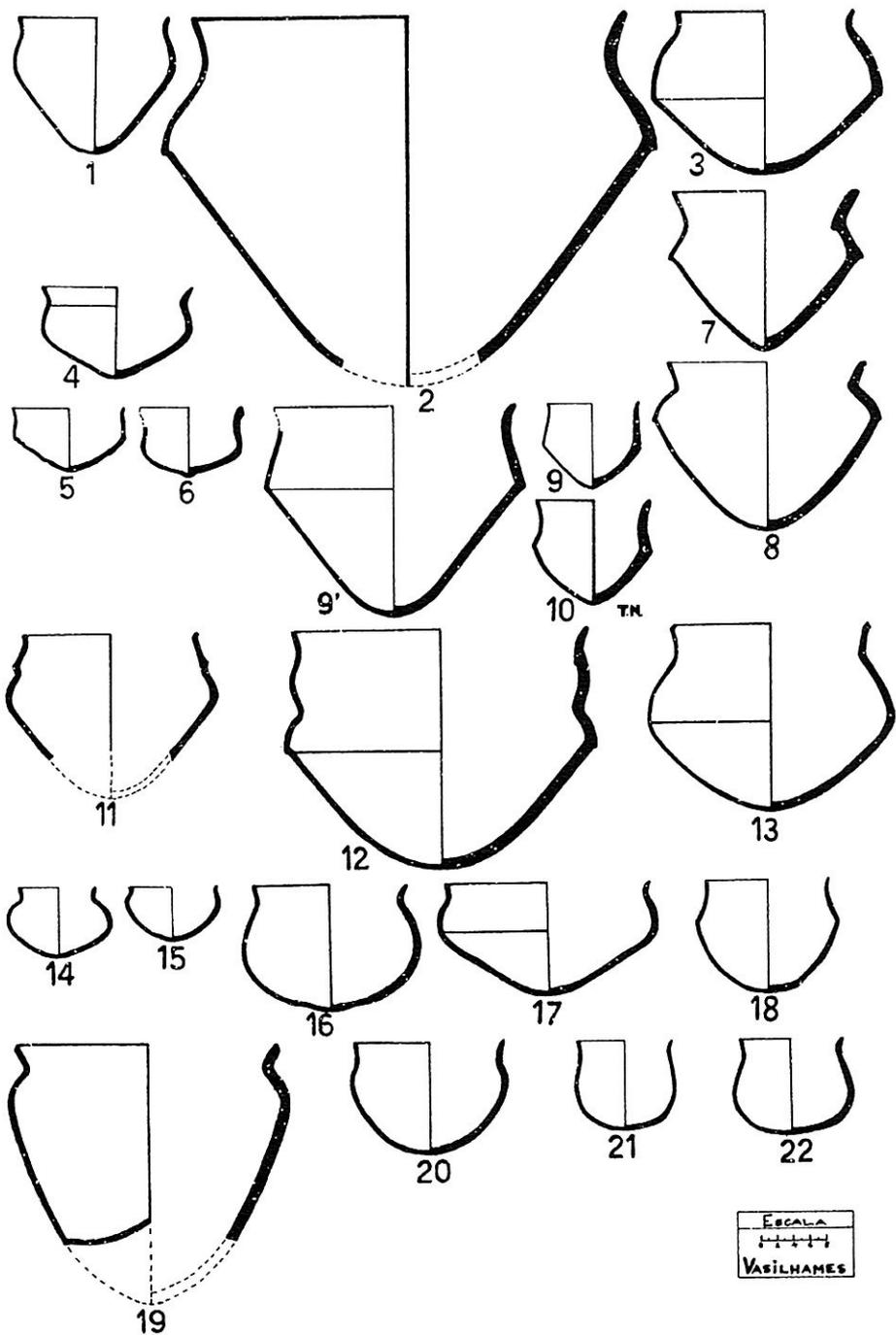
FRANCHA II - Vasos e bordas Corrugadas verticais: nº 1 - 3; a - o.  
 Vasos e bordas Corrugadas introvertidas: nº 4 - 8; p - bb.



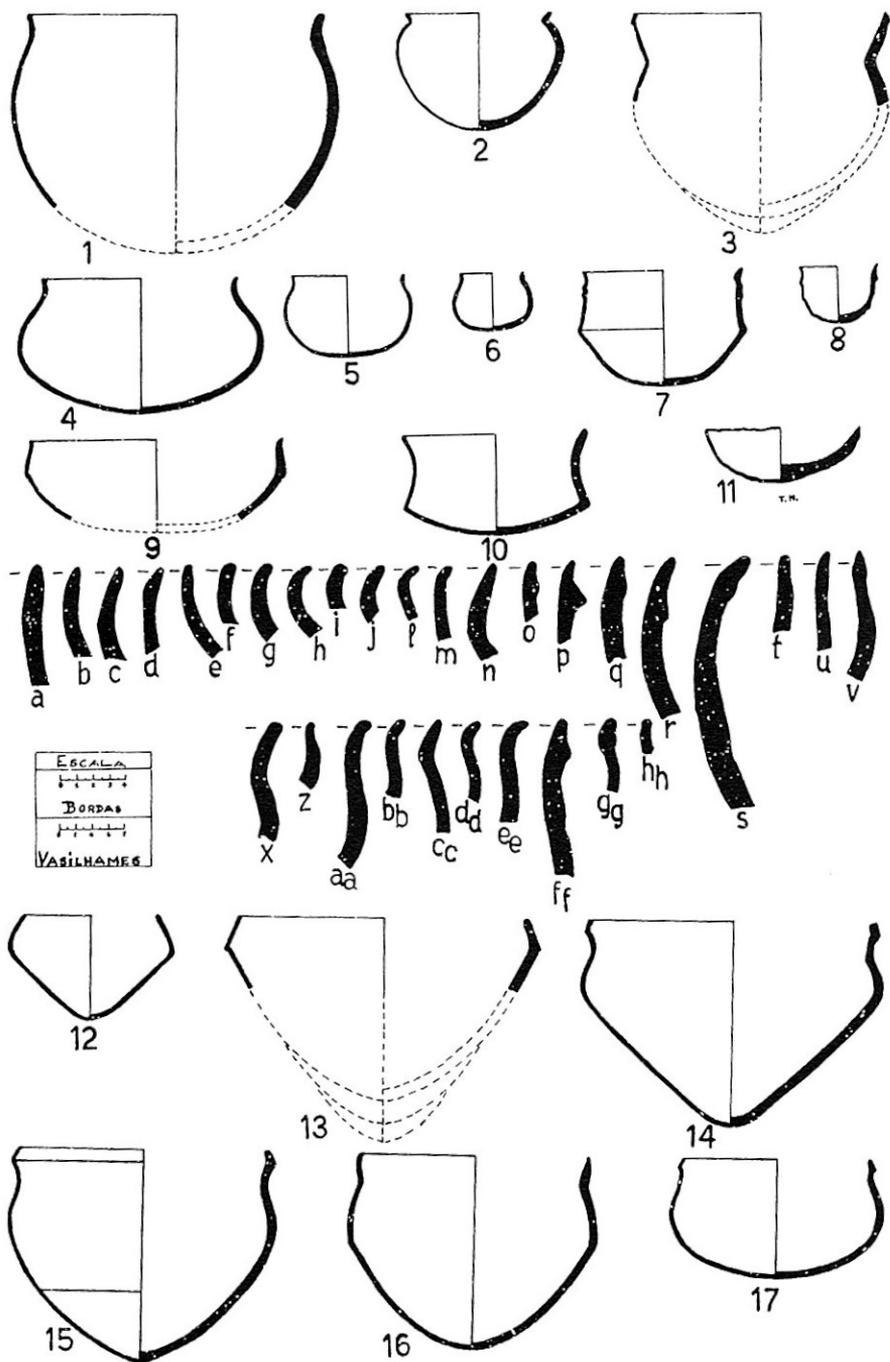
PRANCHA III - Vasos Corrugados extrovertidos: nº 1 - 9.



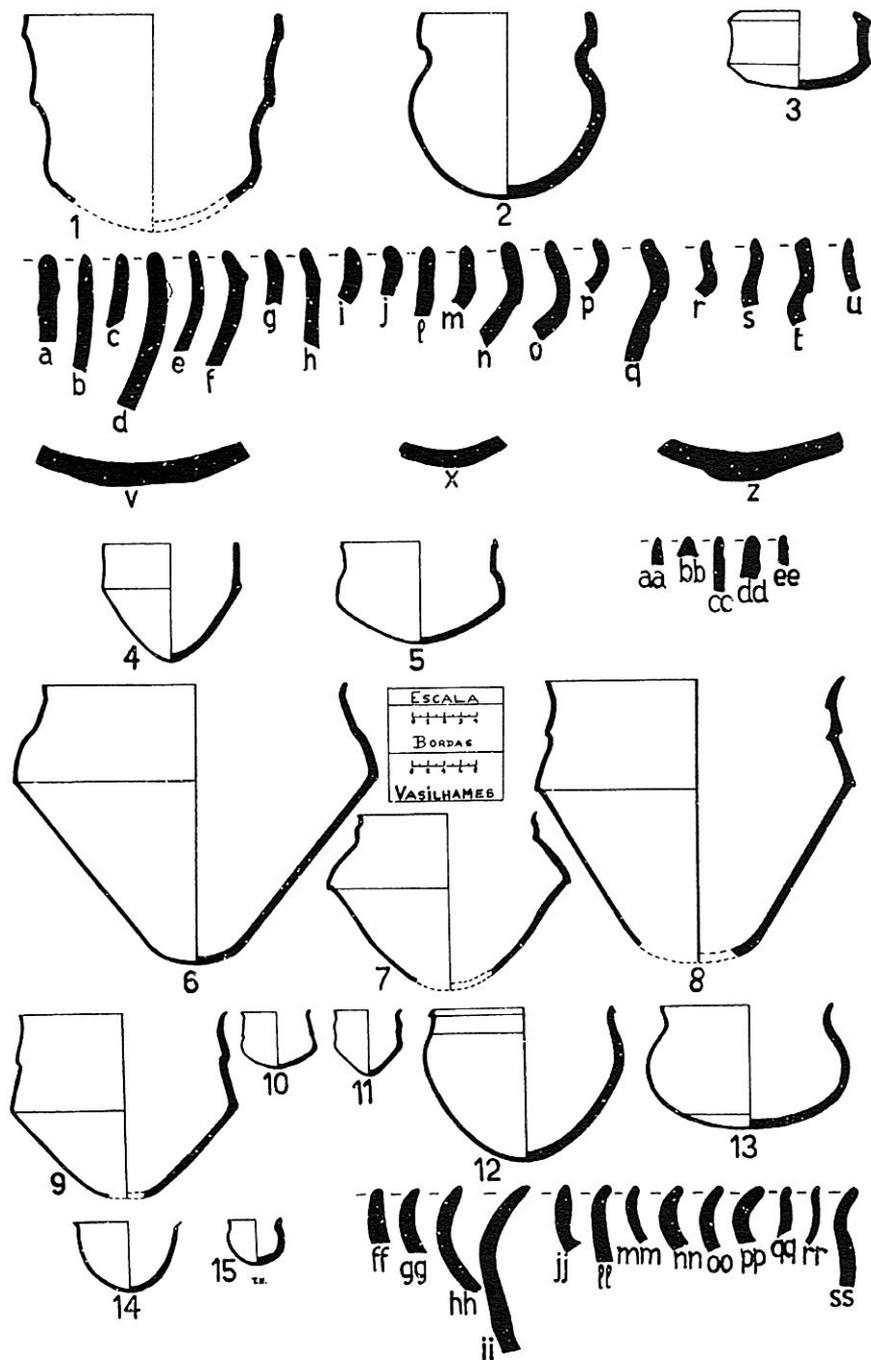
FRANCHA IV - Vasos e bordas Corrugadas extrovertidas: nº 1 - 9; a - gg. Bases Corrugadas: hh - jj. Vasos e bordas Corrugadas-Unguladas verticais: nº 10 - 14; 11 - ss.



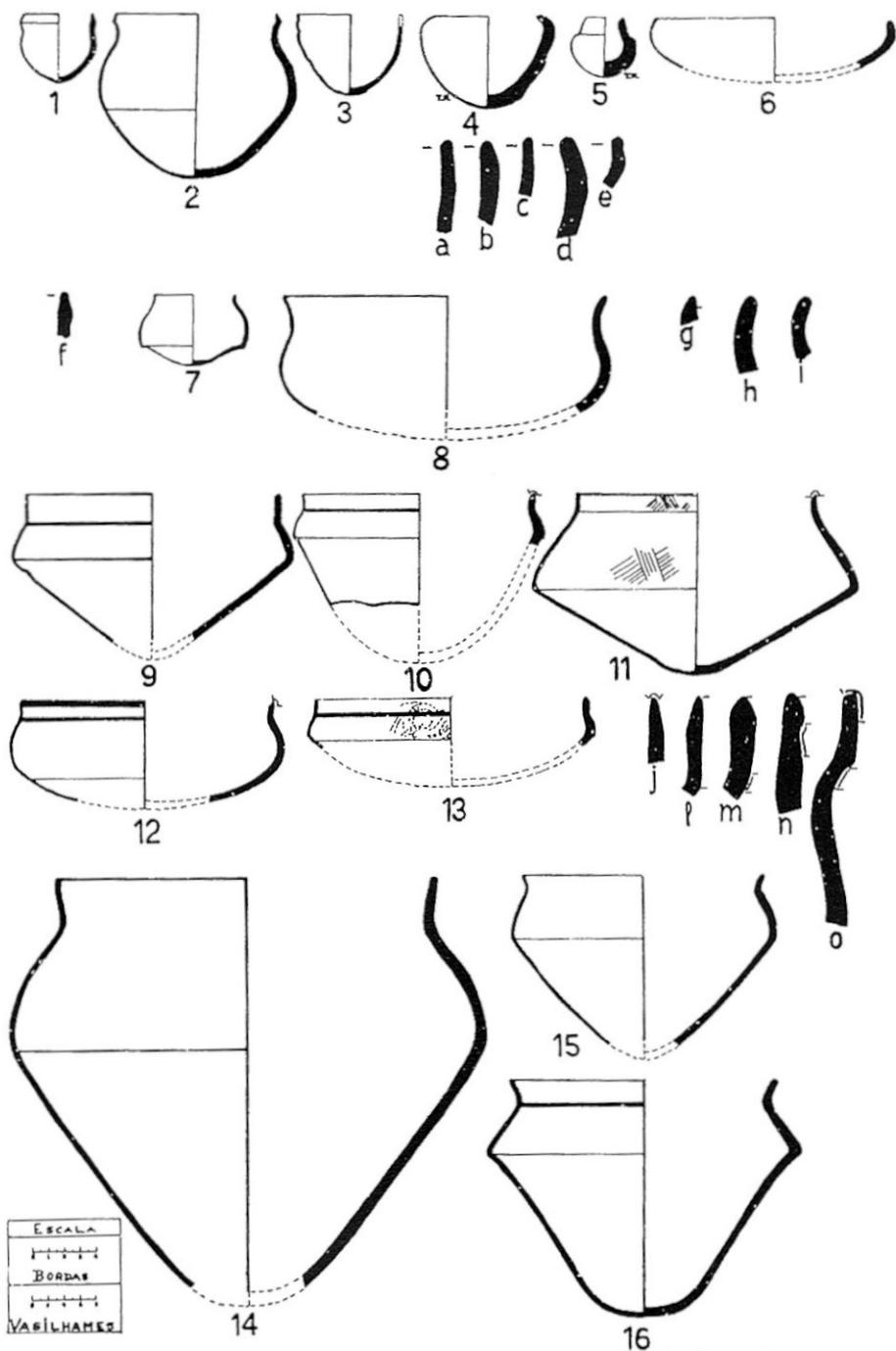
PRANCHA V - Vasos Corrugados-Ungulados extrovertidos: n.º 1 - 22.



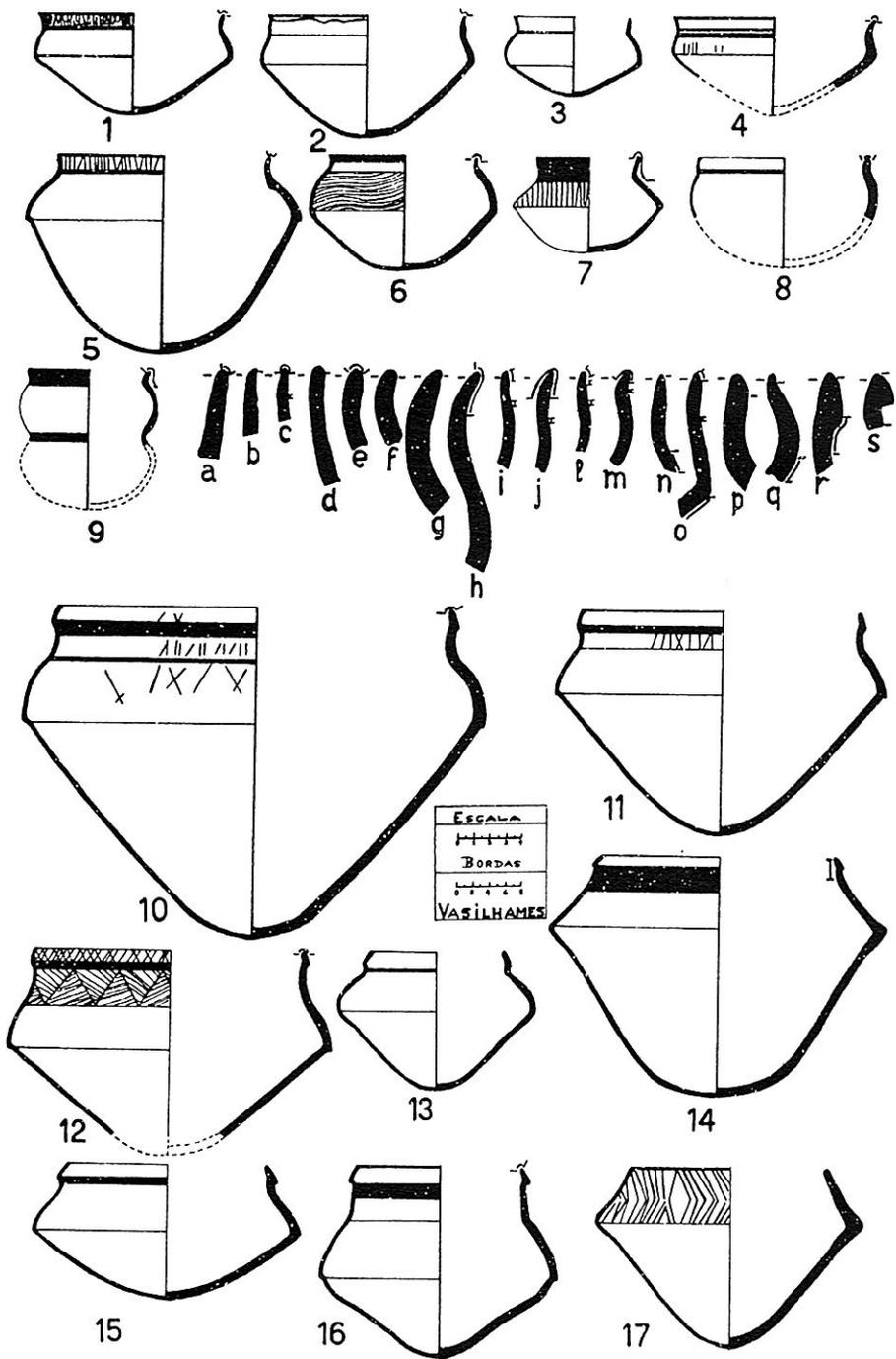
PRANCHA VI - Vasos e bordas Corrugadas-Unguladas extrovertidas: n<sup>o</sup> 1 - 11;  
 a - hh, Vasos Corrugados-Ungulados introvertidos: n<sup>o</sup> 12 - 17.



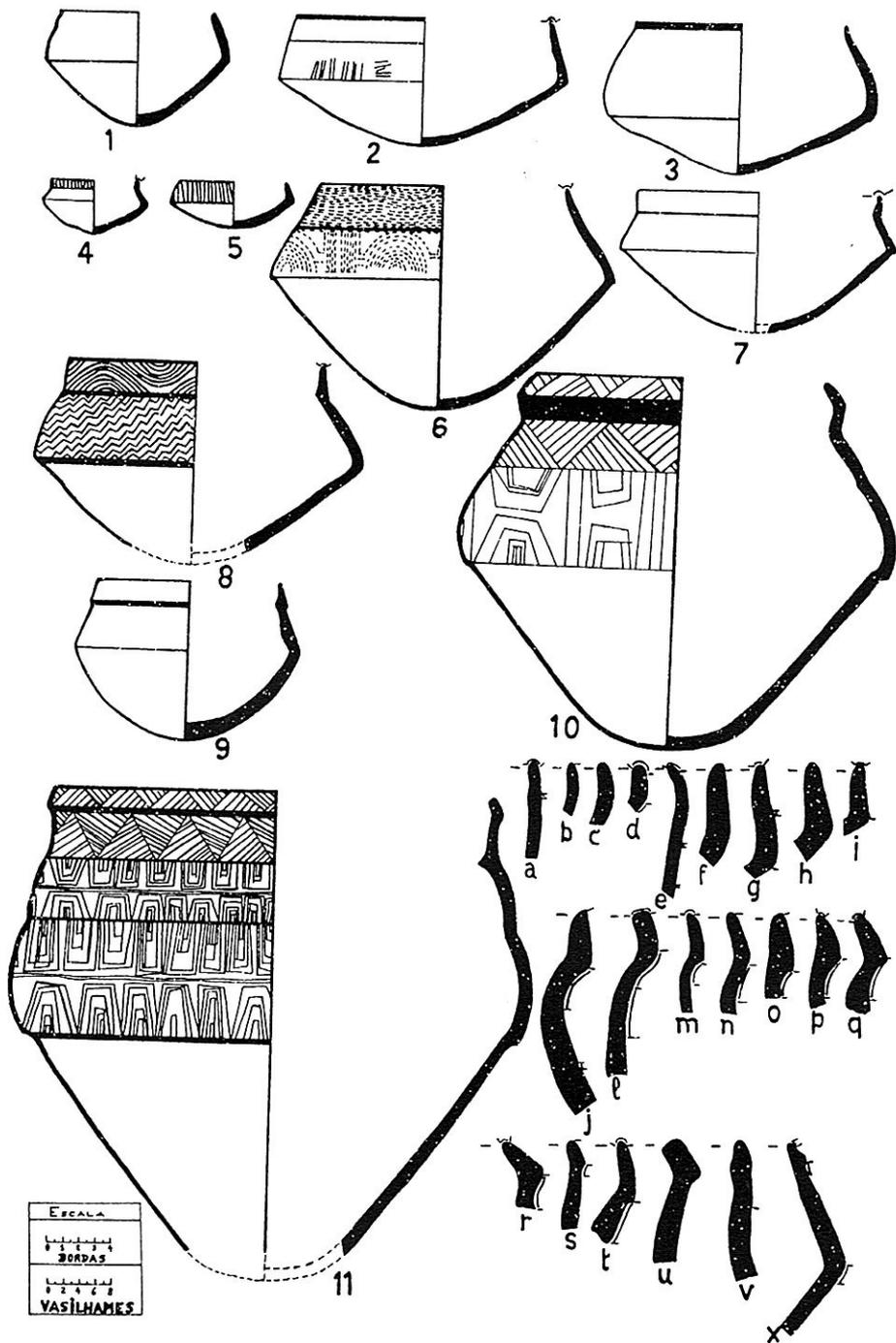
PRANCHA VII - Vasos e bordas Corrugadas-Unguladas introvertidas: nº 1 - 3; a - u. Bases Corrugadas-Unguladas: v - z. Vasos e bordas Unguladas verticais: nº 4, 5; aa - ee. Vasos e bordas Unguladas extrovertidas: nº 6 - 15; ff - ss.



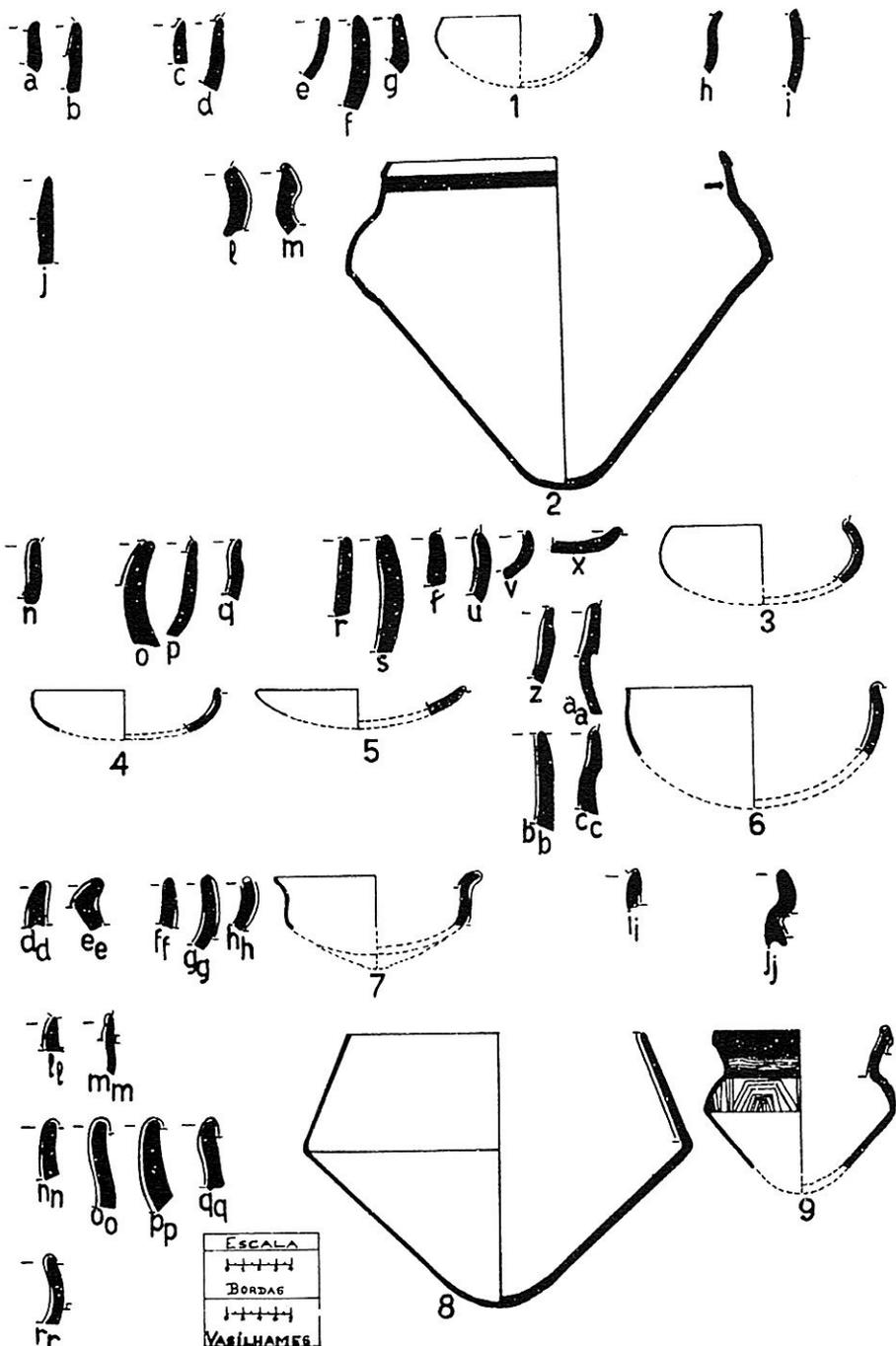
FRANCHA VIII - Vasos e bordas Unguladas introvertidas: nº 1 - 6; a - e. Borda Escovada vertical: f. Vasos e bordas Escovadas extrovertidas: nº 7, 8; g - i. Vasos e bordas Pintadas tipo "A" verticais: nº 9 - 13; j - o. Vasos Pintados tipo "A" extrovertidos: nº 14 - 16. Desenhos em linha cheia: vermelho; em linhas interrompidas: preto.



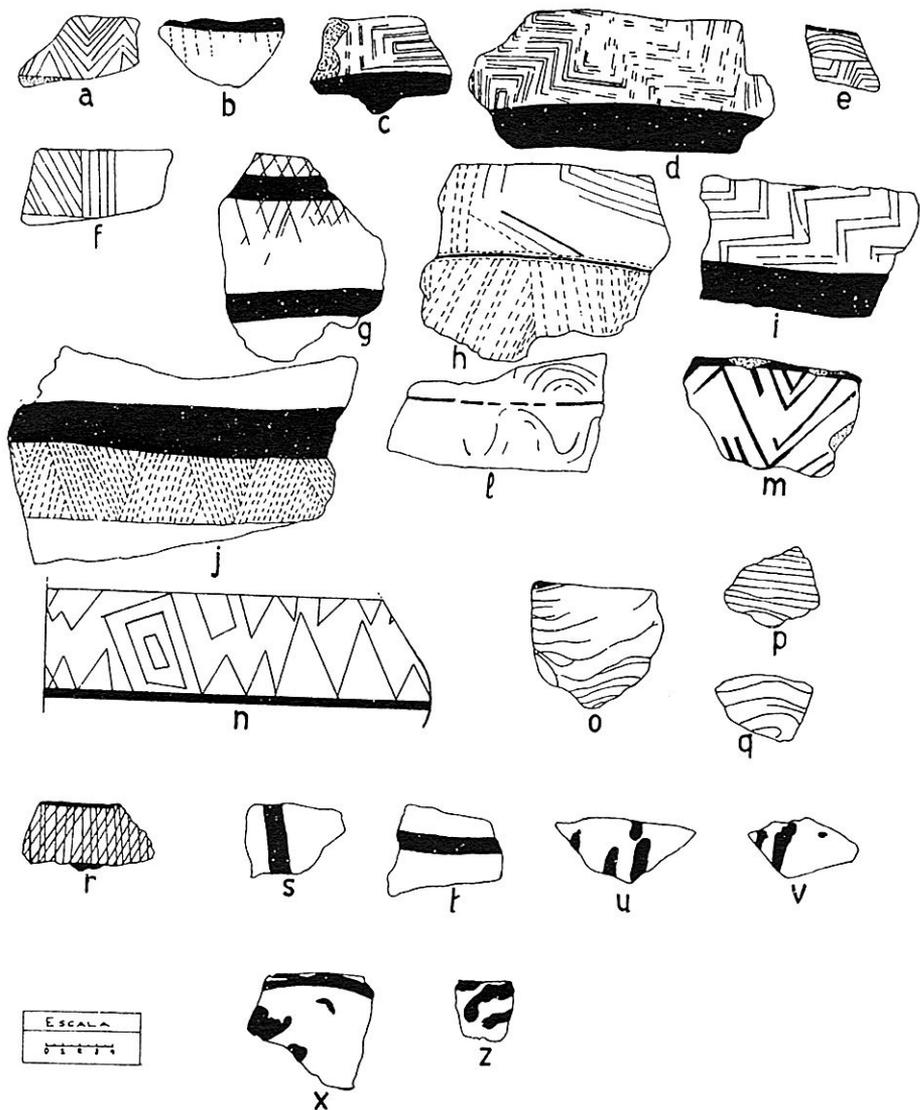
PRANCHA IX - Vasos e bordas Pintadas tipo "A" extrovertidas: nº 1 - 9;  
 a - s. Vasos Pintados tipo "A" introvertidos: nº 10 - 17.



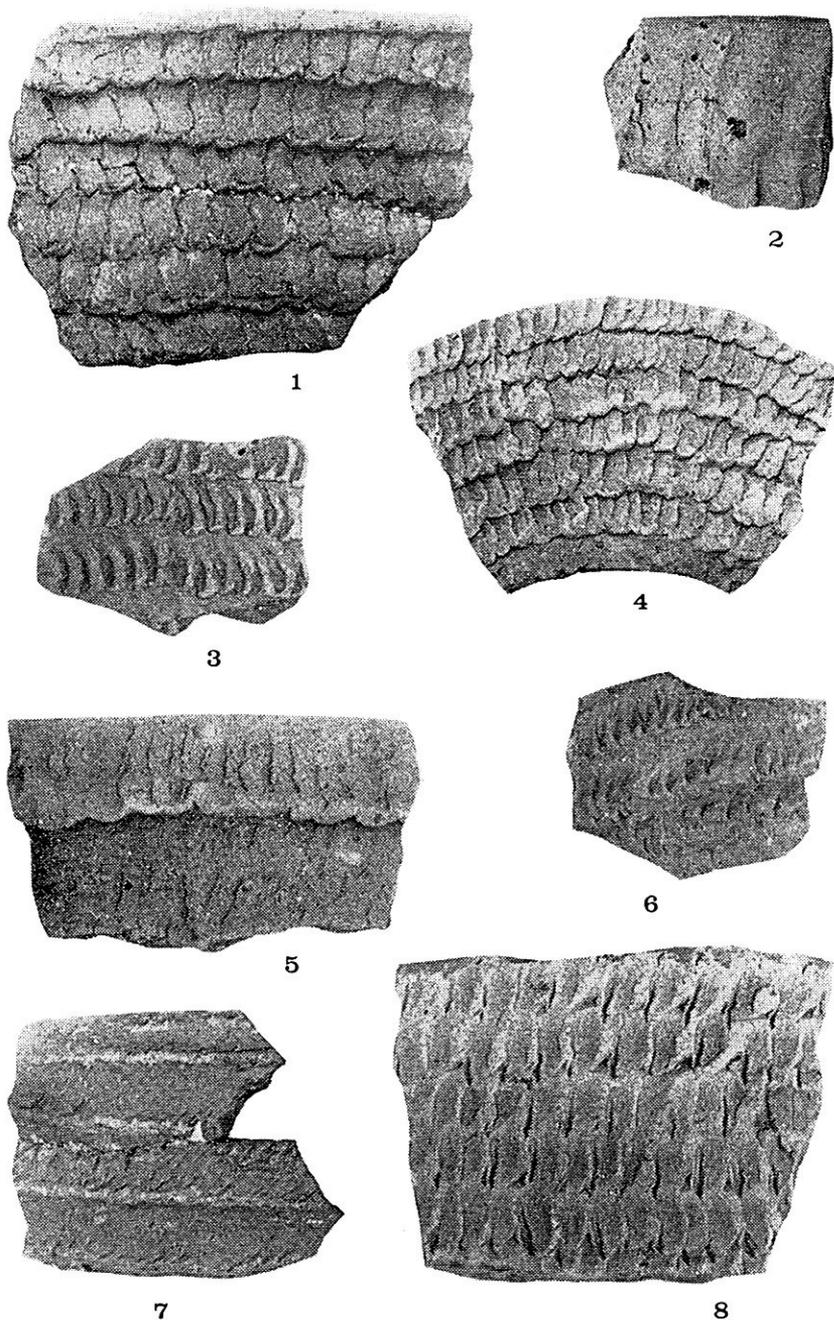
PRANCHA X - Vasos e bordas Pintadas tipo "A" introvertidas: nº 1 - 11;  
 a - x. Desenhos em linha cheia: vermelho; em linha interrom-  
 pida: preto.



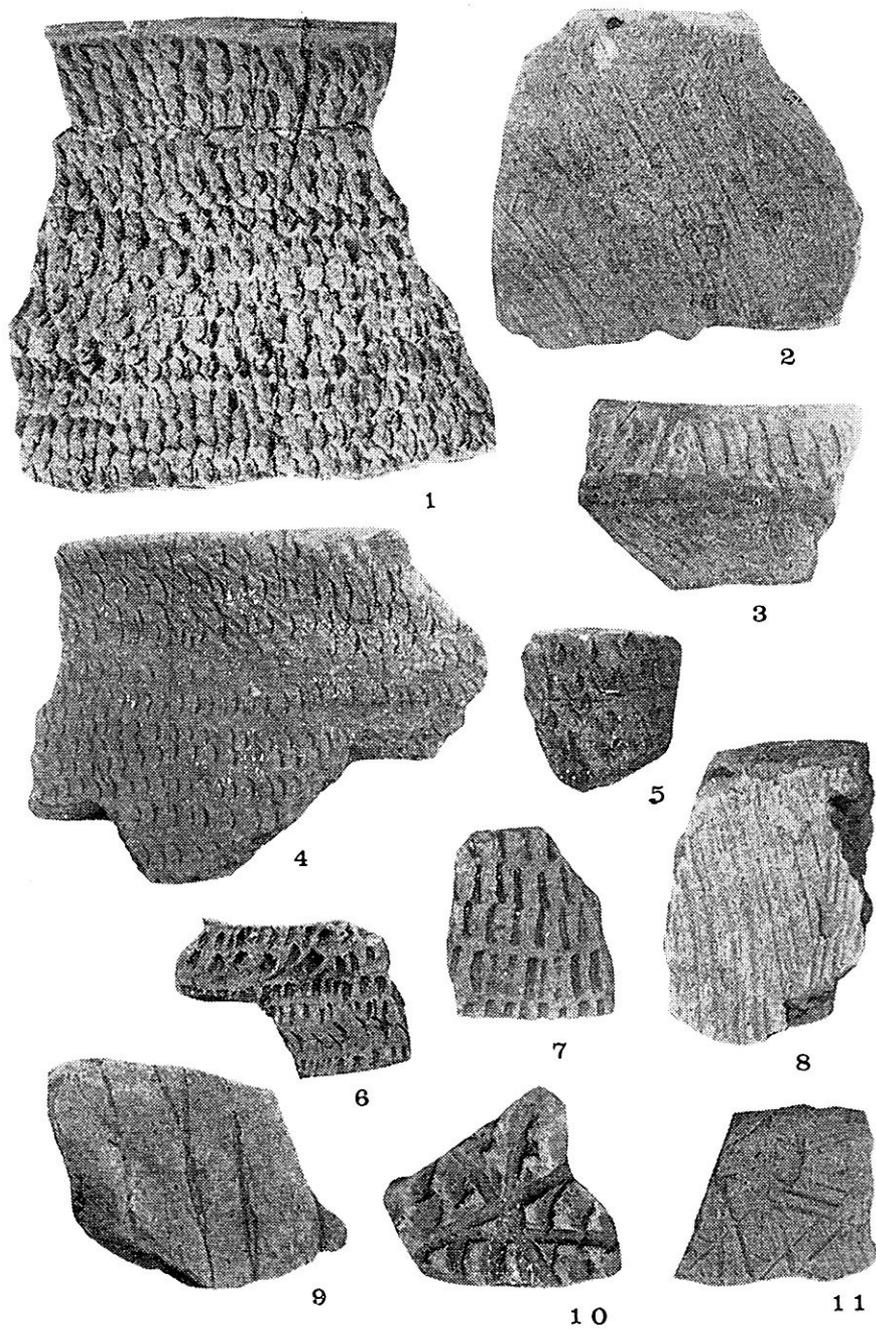
PRANCHA XI - Bordas Pintadas tipo "B" verticais: a, b. Bordas Pintadas tipo "E" extrovertidas: c, d. Vaso e bordas Pintadas tipo "B" introvertidas: nº 1; e - g. Bordas Pintadas tipo "B" Corrugadas externamente: h, i. Borda Pintada tipo "c" vertical: j. Vaso e bordas Pintadas tipo "D" introvertidas: nº 2; l, m. O local assinalado pela seta é onde existem sinais de alça. Borda Pintada tipo "E" introvertidas: nº 3 - 5; r - x. Vaso e bordas Pintadas tipo "E" Corrugadas-Unguladas externamente: nº 6; z - bb. Borda Pintada tipo "E" Corrugada externamente: cc. Vaso e bordas Pintadas tipo "F" extrovertidas: nº 7; dd, ee. Bordas Pintadas tipo "F" introvertidas: ff - hh. Bordas Pintadas tipo "G" verticais: ll, mm. Bordas Pintadas tipo "G" extrovertidas: nn - qq. Vasos e borda Pintada tipo "G" introvertida: nº 8, 9; Bordas Pintadas tipo "J" introvertida: 11.



PRANCHA XII - Desenhos do Pintado tipo "A": a - n. Pintado tipo "B": o - q. Pintado tipo "G": r. Pintado tipo "I": s - v. Pintado tipo "J": x, z. Desenhos em linha cheia: vermelho; em linhas interrompidas: preto.



Tábua 1 — Aspectos do tratamento da superfície externa: 1, 4, 5 corrugado; 2 acanalado; 3, 6 espatulado; 8 corrugado-ungulado.



Tábua II — Aspectos do tratamento da superfície externa: 1, 4 ungulado; 2, 3, 8, 11 o:co: vado; 5 beliscado; 6, 7 inciso; 9 roletado; 10 corrugado-inciso (?).

# PESQUISAS

Publicações de Antropologia

1. **Um Paradeiro Guarani no Alto Uruguai** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 1, 1957 122—142.
2. **Os Iranche, Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo** — José de Moura, S.J. — Pesquisas 1, 1957, 143—180, 293—295.
3. **Paradeiros Guaranis em Osório (Rio Grande do Sul)** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 2, 1958, 113—143.
4. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 3, 1959, 199—266.
5. **A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 3, 1959, 267—324.
6. **Schmuckgegenstände aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina, Südbrazilien** — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 6, 60 pp.
7. **Objetos Zoomorfos do Litoral de Sta. Catarina e Paraná** — Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 7, 51 pp., 13 tab.
8. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, II** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 8, 32 pp., 5 fig., 1 mapa.
9. **Juan del Oso en los Tuztías** — J. Hasler — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 9, 17 pp.
10. **Os Münkü. 2.ª Contribuição ao estudo da tribo Iranche** — José de Moura, S.J. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 10, 59 pp.
11. **Wildschweinhauer als Werkgeräte, aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbrazilien.** — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1961, Antropologia nr. 11, 28 pp., 5 Abb.
12. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, e Notícias Prévias Sobre Sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, III** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1961, Antropologia nr. 12, 18 pp., 12 fig.
13. **Notícias de uma Indústria Lítica no Planalto Paranaense** — Igor Chmyz — Pesquisas 1962, Antropologia nr. 13, 19 pp., 7 fig.
14. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense, IV (1961)** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1962, Antropologia nr. 14, 27 pp., 10 fig.
15. **Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina. I. Exploração sistemática do sítio da Praia da Tapera. II. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga** — Alfredo Rohr, S. J. — Pesquisas 1966, Antropologia nr. 15, 61 pp. 1 mapa, 4 pranchas.
16. **Arqueologia no Rio Grande do Sul** — Pedro Ignacio Schmitz, S. J. e outros — Pesquisas 1967, Antropologia nr. 16, 58 pp, 5 fig., 6 pranchas.
17. **O Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner, SC VI 13** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1967, Antropologia nr. 17, 24 pp., 7 fig. fora do texto.
18. **Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata** — Pesquisas 1968, Antropologia nr. 18, 190 pp., 1 tabela, 9 pranchas fora do texto.
19. **Petroglifos da Ilha de Santa Catarina e Ilhas Adjacentes** — João Alfredo Rohr, S.J. Pesquisas 1969, Antropologia nr. 19, 30 pp., 15 fig., 1 foto.
20. **Anais do III Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências** — Pesquisas 1969, Antropologia nr. 20, 216 pp., 30 pp. de ilustrações.
21. **Sugestões para uma tipologia lítica para o interior do Sul do Brasil** — Tom O. Miller, Jr. — Pesquisas 1969, Antropologia nr. 21, 48 pp., 18 fig. fora do texto.
22. **Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1969, Antropologia nr. 22, 37 pp., 1 mapa, 1 fig., 2 pr. fora do texto.

# Publicações do Museu

Número 1

**Pedro Ignacio Schmitz, Itala Irene Basile Becker,  
Pedro Augusto Mentz Ribeiro, Gastão Baumhardt,  
Ursula Baumhardt, Hardy Martin, Roberto  
Steinhaus, José Proenza Brochado**

## **ARQUEOLOGIA DO VALE DO RIO PARDINHO**

(Comparações com material proveniente do Alto Jacuí)

1.ª Parte



1970

**MUSEU DO COLÉGIO MAUÁ**

Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil